

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM: O ENTRALAÇAR DO FORMAL,
NÃO FORMAL E INFORMAL

Anabela Pereira Gomes dos Santos Rolim

TRABALHO DE PROJETO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



CAMINHOS PARA A APRENDIZAGEM: O ENTRAÇAR DO FORMAL,
NÃO FORMAL E INFORMAL

Anabela Pereira Gomes dos Santos Rolim

Trabalho de Projeto orientado pela Prof.^a Doutora Paula Guimarães

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

2013

“Não se pode ensinar nada a um homem; apenas ajudá-lo a encontrar as respostas dentro de si mesmo”

Galileu Galilei, 1564 - 1642

Resumo

Este trabalho é um convite a uma incursão empírica que pretende, em primeiro lugar através da minha narrativa autobiográfica, estabelecer um paralelo entre a minha experiência pessoal vivida e uma análise reflexiva devidamente argumentada, onde foco as competências adquiridas, sejam elas de teor académico, técnico ou transversais, e que me proporcionaram ser o que sou hoje como pessoa e como profissional.

Num segundo plano, de modo a permitir uma adequada contextualização teórica da temática da educação e formação de adultos são abordados temas relativos à história da educação e formação de adultos em Portugal, nomeadamente a partir de 1974; a diferenciação entre a educação formal, educação não formal e educação informal; os processos que intervêm ao nível da aprendizagem e a sua importância; e o processo de reconhecimento e validação de adquiridos experienciais.

Por último, com trabalho empírico pretendi demonstrar a importância não só da educação formal, como também da educação não formal e informal no quotidiano dos adultos, e o contributo da aprendizagem pela experiência que se encontra intimamente relacionada com o processo de reconhecimento de adquiridos experienciais, permitindo um maior entendimento da temática, em análise.

Abstract

This work is an invitation to a raid empirical aims, firstly through my autobiographical narrative, drawing a parallel between my personal experience and a reflective analysis properly argued, which focus on the skills acquired, be they academic content, technical or transversal, and that gave me what I am today as a person and as a professional.

In the background, in order to allow an appropriate theoretical context of the theme of Education and Training of Adults are addressed topics related to the History of Education and Training of Adults in Portugal, especially after 1974, the distinction between formal education, not education formal and informal education; processes that operate at the level of learning and the importance of learning and the process of recognition and validation of experiential acquired.

Finally, the empirical work aims to demonstrate the importance not only of formal education, as well as non-formal education and informal learning in everyday life of adults, and the contribution of learning by experience which is closely related to the process of recognition of acquired experiential, allowing a greater understanding of the subject in analysis.

Agradecimentos

À minha colega de viagem, pela motivação, partilha, preocupações e alegrias vividas nas nossas idas a Lisboa, obrigado Gina Mendes.

À minha amiga Maria João Maria com quem tive oportunidade de trabalhar e me ajudou na revisão do trabalho.

Um agradecimento especial à minha orientadora Professora Doutora Paula Guimarães pela motivação e acompanhamento ao longo desta caminhada e a sua disponibilidade e orientação.

E a todos aqueles com quem tive oportunidade de me cruzar, em contexto escolar, social e profissional pela partilha de ideias e experiências o que me possibilitou o meu crescimento enquanto ser humano e como formadora de adultos.

Dedicatória

Ao meu marido Rui, pelo apoio incondicional, e às minhas filhas Adriana e Joana, por me fazerem acreditar que tudo é possível quando nós queremos.

Índice

Introdução	15
------------------	----

Capítulo I – Narrativa Autobiográfica

1.1. Os passos iniciais da minha caminhada.....	19
1.2. Aprendizagem por via não formal	22
1.3. Colocar em ação a teoria aprendida	23
1.4. Experiência como formadora de adultos	24
1.5. <i>Continuum</i> da aprendizagem versus ação na prática diária	28

Capítulo II - Enquadramento Teórico

2.1. História recente da educação de adultos em Portugal	39
2.2. Educação formal, não formal e informal	44
2.3. Aprendizagem e experiência	47
2.4. Certificação de adquiridos experienciais.....	53

Capítulo III – Trabalho Empírico

3.1. Enquadramento do trabalho empírico	58
3.2. Opções metodológicas.....	58
3.3. Análise das respostas dos inquiridos.....	60
3.3.1. Importância da educação formal, não formal e informal	60
3.3.2. Valorização do aprender a aprender.....	63
3.3.4. Aprendizagens adquiridas	65

Capítulo IV – Trabalho Projeto

Considerações Finais.....	73
Referências Bibliográficas	79

Anexo 1 – Guião das entrevistas	81
Anexo 2 – Transcrições das entrevistas	82
Anexo 3 – Análise de conteúdo das entrevistas	106

Lista de Abreviaturas

AA – Aprender com Autonomia

ANEFA-Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos

ANQ – Agência Nacional para a Qualificação

ANQEP – Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional

CAP – Certificado de Aptidão de Formadora

CCP- Certificado de Competências Pedagógicas

CNO – Centro Novas Oportunidades

EFA – Educação e Formação de Adultos

EUA – Estados Unidos da América

MV – Matemática para a Vida

PNAEBA - Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos

PRVC – Profissional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

PRS – Pressley Ridge Schools

RVC – Reconhecimento, Validação de Competências

RVCC – Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

SIGO -Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa

TDE – Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

UE – União Europeia

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

Este trabalho de Projeto é elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Educação de Adultos e tendo como tema: Educação e Formação de Jovens e Adultos Pouco escolarizados. Tem por objetivo um estudo e uma reflexão sobre a minha experiência enquanto formadora de adultos, com a consequente análise de uma problemática de cariz profissional ligada à educação e formação de adultos (EFA).

O desenvolvimento e a execução do trabalho definiu que a sua constituição seria dividida em cinco capítulos, sendo que o capítulo I diz respeito à minha narrativa autobiográfica. Pretendeu-se uma reflexão acerca dos principais momentos que compuseram o meu percurso profissional e académico. Neste capítulo são retratadas e analisadas as minhas experiências ao nível da minha formação académica, qualificação profissional, experiências profissionais como psicóloga e na área da formação profissional.

No capítulo II é apresentado o enquadramento teórico do campo da educação e formação de adultos. Inicia-se pela história recente da educação de adultos em Portugal. Posteriormente são referenciados autores que se debruçaram sobre o significado da educação formal, não formal e informal e a sua implicação com a educação de adultos. É relevada a importância da aprendizagem e experiência no âmbito da temática abordada. Por último é abordado a contextualização teórica relacionada com a certificação de adquiridos experienciais.

No Capítulo III apresenta-se o objeto de estudo da minha incursão empírica, ou seja, a realidade sobre a qual me debrucei para analisar uma pequena parte do meu trabalho sob a perspetiva da educação e formação de adultos.

Deste modo, o meu trabalho empírico recai sobre as seguintes questões: a importância da educação informal e não formal na aprendizagem dos adultos, de que modo o processo de RVC permite a valorização da educação formal,

informal e não formal, e quais as aprendizagens adquiridas após o processo de RVC.

Este interesse derivou da importância que atribuo à evidenciação de que a educação não formal e informal devem ser entendidas como extremamente importantes ao nível da aquisição de competências, nomeadamente no caso de adultos devendo para isso ser consideradas com uma complementariedade ao percurso formal de ensino e tidas em conta em qualquer tipo de oferta de qualificação.

Pretendi acima de tudo com este projeto desenvolver-me e adquirir novas competências, enquanto formadora de adultos, reconhecer quais os meus pontos fortes e pontos a melhorar de modo a poder desempenhar a minha atividade profissional como formadora de adultos de modo informado e consciente dos pressupostos teóricos subjacentes a esta temática.

Procurei no quinto e último capítulo desenvolver um trabalho projeto que permitisse ajudar no enunciar de novos caminhos no campo da educação e formação de adultos em Portugal.

“Ensinarás a voar...
Mas não voarão o teu voo.
Ensinarás a sonhar...
Mas não sonharão o teu sonho.
Ensinarás a viver...
Mas não viverão a tua vida.
Ensinarás a cantar...
Mas não cantarão a tua canção.
Ensinarás a pensar...
Mas não pensarão como tu.
Porém, saberás que cada vez que voem, sonhem, vivam, cantem
e pensem...
Estará a semente do caminho ensinado e aprendido!”

Madre Teresa de Calcutá, 1910 - 1997

CAPÍTULO I – NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Iniciar uma narrativa autobiográfica é um exercício exigente que nos transporta no tempo e até no espaço. Por isso julgo que será imprescindível recuar até à minha infância. Relembrar que, quando me questionavam sobre o que queria ser quando crescesse, a primeira resposta era professora, talvez porque sempre me senti bem nos vários estabelecimentos de ensino que tive oportunidade de frequentar e, por isso, o desejo de poder ajudar os outros a aprenderem e a terem gosto por descobrirem o mundo. Ao longo da minha infância e da minha adolescência, o gosto pela aprendizagem sempre foi muito impulsionado pelos meus pais que sempre procuraram que tivesse as melhores oportunidades para prosseguir os meus estudos.

No meu décimo ano de escolaridade tive a possibilidade de ter contato com a disciplina de Psicologia, o gosto por esta enquanto ciência foi crescendo, estando sempre subjacente o desejo de poder estudar o comportamento humano, o indivíduo na sua especificidade, de modo a conseguir auxiliar as pessoas a melhorarem o seu bem-estar psicológico, modificando o seu comportamento.

Procurando relacionar esta situação com o meu último trabalho enquanto Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento (TDE), julgo que existem algumas semelhanças. Porque, acima de tudo, para mim a minha função enquanto TDE foi procurar que cada adulto realizasse uma reflexão sobre quais as suas motivações e expectativas em relação ao seu presente e quais os passos a seguir em termos de qualificação seja escolar e/ou profissional, para a concretização dos seus objetivos. Ou seja, repensar o futuro em termos de qualificação escolar e/ou profissional de cada um dos adultos que se inscreviam no Centro Novas Oportunidade (CNO) Fernão do Pó, era um dos pilares que me guiavam ao longo das sessões de diagnóstico ou de encaminhamento que realizava.

A minha narrativa autobiográfica, e as aprendizagens adquiridas ao longo do meu percurso pessoal, social e profissional que considero mais relevantes para ser a formadora de adultos que sou hoje, está dividida em cinco momentos charneira. O primeiro diz respeito à minha licenciatura em Psicologia e à Pós - Graduação em Intervenção Psicossocial junto de crianças e jovens; em seguida, a minha participação no Curso de Formação Pedagógica de Formadores; depois, o terceiro momento centra-se na minha experiência profissional enquanto psicóloga; seguindo-se, a minha prestação como mediadora e formadora de Cursos Educação e Formação de Adultos (EFA); no quinto e último momento, a experiência como Profissional de Reconhecimento e Validação de Competências (PRVC) e como Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento (TDE) do Centro Novas Oportunidades (CNO) Fernão do Pó, no Bombarral.

1.1. Os passos iniciais da minha caminhada

O primeiro momento charneira do meu percurso, enquanto formadora de adultos, foi a conclusão da licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento, porque foi a concretização de um sonho que começou na minha juventude. A licenciatura em Psicologia possibilitou-me várias aprendizagens pessoais e sociais. Essas aprendizagens, num primeiro momento, decorreram da necessidade que existiu de abandonar uma pequena aldeia rural e o ingresso na faculdade na capital do país – Lisboa, e que foram o viver fora do ambiente familiar, partilhar uma casa com outras pessoas que não eram da minha família, a conquista de novas amizades, o aprender a gerir a independência e ainda a organização e a gestão financeira.

Por outro lado, a aquisição de todos os pressupostos teóricos e abordagens relacionadas com a Psicologia, enquanto Ciência nas suas variadas vertentes principalmente relacionadas com a saúde mental, permitiu uma maior compreensão dos comportamentos e atitudes de cada ser humano.

Uma das maiores aprendizagens, que advém da minha formação académica e que me parece ser um dos meus maiores trunfos enquanto agente interventiva no âmbito da educação e formação de adultos, é a necessidade de criar uma

atitude empática, de me colocar no papel do outro para conseguir chegar à pessoa que tenho à minha frente.

Esta atitude é indispensável para mim, na minha prática diária, com todos aqueles com quem me cruzo no percurso profissional, nomeadamente no caso dos adultos.

Durante o meu percurso académico e em termos de pessoas significativas gostaria, de salientar os meus orientadores de estágio (quer na faculdade, como no local de estágio), porque permitiram-me aprender pela ação e, além disso, foram pessoas que tiveram a capacidade de transmitir os seus conhecimentos e competências, não de um modo escolarizado, mas recorrendo à partilha de experiências e que me ajudaram na minha aprendizagem no Núcleo de Estudos do Suicídio do Hospital de Santa Maria.

De acordo com o que referi anteriormente, Cavaco (2002, p. 40), afirma que o tipo de experiências vividas e o modo como são vivenciadas são fundamentais para a aprendizagem, sendo simultaneamente importante o contato com todos aqueles que fazem parte da nossa rede de relações sociais, quer sejam pessoas que fazem parte do nosso quotidiano ou outros que pontualmente se cruzaram no nosso caminho.

Outra das aquisições importantes neste meu percurso, inicialmente como estudante de Psicologia e posteriormente no papel de formadora de adultos, foi a aprendizagem das várias teorias de aprendizagem e a importância da motivação para este fenómeno.

Num estudo efetuado acerca da educação de adultos pouco escolarizados, Cavaco (2002, p. 76), concluiu que a motivação e atenção, são fatores fundamentais no processo de aprendizagem. Em situações sem intencionalidade educativa, as aprendizagens são muito consistentes e perduram durante toda a vida.

Logo após a conclusão da minha licenciatura, surgiu a oportunidade de frequentar uma Pós-Graduação de Intervenção Psicossocial junto de Crianças e Jovens em Risco que estava intimamente relacionada com o estágio acadêmico.

Era uma hipótese de continuar a minha aprendizagem, já que, apesar de enviar centenas de *Curriculum Vitae* para inúmeras instituições e entidades de uma forma espontânea com o intuito de conseguir um trabalho, as respostas nunca surgiam.

No final desta Pós-Graduação, os seis melhores alunos tinham a possibilidade de efetuar um estágio na Pressley Ridge Schools (PRS), uma instituição de institucionalização e acompanhamento de crianças e jovens em risco nos Estados Unidos da América (EUA). Fui uma das seis contempladas com a bolsa de estudo, o que me possibilitou permanecer nos EUA durante três meses, permitindo-me um contacto com outras culturas, outros modos de vivenciar o mundo e até vivenciar às situações problemáticas que ocorriam nesta instituição decorrentes do dia-a-dia com crianças e jovens problemáticos.

A filosofia da PRS é diferente da maioria das instituições que trabalham com crianças e jovens em risco, porque procura trabalhar os comportamentos inadequados através da ação imediata, ou seja, quando estes aconteciam eram discutidos e refletidos no momento. Assim sendo, os comportamentos são trabalhados, na sua essência, para os modificar e melhorar.

Foi importante participar numa instituição onde a troca de experiências e conhecimentos era constante entre todos os que lá trabalhavam. Apesar de nunca ter conseguido intervir *à posteriori* neste tipo de problemática de crianças e jovens em risco, esta salutar experiência permitiu-me recolher muitas aprendizagens relacionadas com o trabalho em equipa, importância da partilha de experiências e saberes, o aprender através da ação, assertividade e autoconhecimento das minhas próprias potencialidades e limitações.

1.2. Aprendizagem por via não formal

A decisão de frequentar o Curso de Formação Pedagógica de Formadores, logo após a conclusão da Pós-Graduação, foi em primeiro lugar, para me permitir ter mais algumas competências para a entrada no mercado de trabalho, o que até então não tinha sido possível. Contudo, refletindo foi também a procura de mais uma ferramenta que me facilitasse o contacto diário com os outros. Visou também poder auxiliar-me no papel de formadora de adultos e poder dinamizar as sessões de formação e efetuar de modo adequado esta minha função.

Efetivamente a frequência deste curso permitiu-me a aquisição de novas metodologias e técnicas pedagógicas, centradas no público-alvo e no indivíduo, a consolidação de aprendizagens e competências, assim como o desenvolvimento de recursos didáticos adaptados aos diversos públicos, que me permitiram intervir de um modo eficiente junto daqueles com quem me cruzo, enquanto formadora de adultos.

Como foi definido por Turim (2006, p. 8) “A autoscopia visa melhorar o comportamento do formador, mediante a observação global, da sua intervenção em situações didáticas normais ou próximas das reais. A autoscopia permite, o aperfeiçoamento do “formando-formadora” através da integração da opinião do grupo e, ainda, pelo desenvolvimento das faculdades de auto-observação e autocritica.” As autoscopias que efetuei e até aquelas que visualizei, permitiram que pudesse constatar quais os erros cometidos e poder melhorá-los, de modo a que a comunicação e transmissão da informação fosse efetuada de um modo adequado.

O falar em público que tinha sido até essa altura um *handicap* para mim, após a frequência deste curso, consegui adquirir e melhorar as minhas competências no que se refere à oralidade, capacidade crítica, ao trabalho de grupo, ao contato com os outros, à postura corporal e à linguagem utilizada, e ainda às competências ao nível da preparação, animação e análise das sessões de formação.

1.3. Colocar em ação a teoria aprendida

Após uma das múltiplas candidaturas espontâneas enviadas, consegui finalmente uma entrevista numa instituição que procurava apoiar pessoas sem-abrigo e carenciadas. Comecei como voluntária e depois tive a oportunidade de efetuar um estágio profissional, através do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Foi uma experiência enriquecedora sobretudo em termos pessoais. A nível profissional a aquisição de competências não foi muito significativa, uma vez que a equipa era constituída por mim, uma administrativa e uma cozinheira, e as minhas funções acabaram por ter que ser mais ao nível da organização e vigilância dos adultos e crianças que se encontravam na instituição do que propriamente de apoio e acompanhamento psicológico.

Saí por iniciativa própria, porque não existiam possibilidades financeiras para que continuasse, apenas se o fizesse em regime de voluntariado. As condições de trabalho eram bastante precárias, uma vez que o prédio onde estava sediada a instituição encontrava-se bastante degradado, e também porque o modelo de funcionamento da instituição na minha perspetiva, não era o adequado, uma vez que não tinha em conta as necessidades e motivações dos utentes, mas aquilo que a Direção pensava que era o correto para cada um dos adultos ou crianças que lá se encontravam.

Posteriormente, tive a oportunidade de ter a minha primeira experiência como formadora de um curso para ativos. Aqui, sinto que fui demasiado “professora” e não tanto formadora, uma vez que não procurei ir ao encontro daquilo que as formandas procuravam, mas apenas lhes transmiti os conteúdos programáticos que estavam definidos, utilizando essencialmente o método expositivo.

Desta forma, não tive a preocupação de questionar as formandas sobre as competências adquiridas, tendo feito *tabua rasa* dos seus conhecimentos e experiências profissionais, debitando aquilo que achava que seriam as aprendizagens necessárias para ir ao encontro dos conteúdos que estavam definidos. Neste sentido, Cavaco (2009, p. 608), defende que não devemos ensinar aquilo que os adultos já sabem, o que obriga a reconhecer e validar os

conhecimentos anteriormente adquiridos. Devemos, para isso enquanto formadores de adultos identificar o saber dos adultos para que estes possam posteriormente adquirir novos conhecimentos, garantindo a motivação dos mesmos e uma eficaz gestão de recursos humanos.

Posteriormente, trabalhei num Centro de Reabilitação Profissional durante cerca de um ano, num projeto que tinha como objetivo a reintegração de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, onde tive a possibilidade de consolidar conhecimentos relativos à problemática da deficiência, ao trabalho em equipa e à organização do trabalho. Após esse ano, e na candidatura posterior do projeto a fundos comunitários esta não foi aprovada na totalidade o que implicou um corte de verbas e consequentemente a redução de pessoal, tendo por isso sido dispensada.

1.4. Experiência como formadora de adultos

Após vários meses a concorrer a todos os concursos que tinha conhecimento para um emprego na área da psicologia, a enviar candidaturas espontâneas, sem obter qualquer tipo de resposta, e de uma experiência como gestora de conta na área das telecomunicações, houve uma entidade, que finalmente me contactou para uma entrevista. Após essa entrevista, iniciei a minha atividade a recibos verdes, como mediadora e formadora de Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) de nível básico, para uma entidade formadora denominada Gabinae, sediada em Caldas da Rainha.

Foi muito significativo para mim o contato com mediadores e formadores que tinham já alguma experiência no âmbito dos Cursos EFA, o que vem ao encontro do que Cavaco (2009, p. 588) diz quando afirma que os elementos das equipas pedagógicas com mais experiência neste tipo de oferta de qualificação funcionam como veículos de transmissão da filosofia, organização e funcionamento destas ofertas de qualificação.

Ainda sobre a temática dos Cursos EFA, Cavaco (2009, p. 580) afirma que estes são fundamentados numa metodologia inovadora, que tem por base o

reconhecimento de adquiridos experienciais, definição de percursos individualizados de formação e o acompanhamento sistemáticos dos formandos. Uma vez que existem mecanismos de inovação importantes neste modelo, em relação ao modelo formativo mais tradicional, também as práticas dos formadores devem ser ajustadas.

Aquando da explicação da filosofia que se encontrava subjacente a este tipo de oferta de qualificação, senti uma grande empatia com os seus pressupostos, uma vez que os Cursos EFA, integram componentes de educação não formal e informal, que se distanciam de outras com um carácter mais formalizado, como o ensino recorrente uma outra oferta de educação para adultos. Nos Cursos EFA os métodos de trabalho centram-se nas metodologias ativas, numa organização modular dos referenciais e no reconhecimento e validação de competências adquiridas pelos adultos.

Isto porque, os Cursos EFA, quando surgiram foram uma oferta formativa de carácter inovador que contemplavam a articulação entre formação de base e formação profissionalizante, um percurso formativo baseado num Referencial de Competências-Chave e, inicialmente, um processo de reconhecimento e validação de competências que permitia a identificação dos adquiridos experienciais dos formandos e a definição de percursos individualizados de formação, embora este último pressuposto deixou de estar presente aquando da publicação da Portaria n.º 230/2008 de 7 de Março, que revogou a anterior.

Também a introdução da figura do mediador cujo objetivo é assegurar o acompanhamento dos formandos e equipas pedagógicas ao longo da formação, é um dos pressupostos importantes dos Cursos EFA.

O módulo Aprender com Autonomia (AA), dinamizado pelo mediador era mais uma das inovações, que se destinava a identificar e promover estratégias de autoformação, através de dinâmicas que promoviam a integração dos formandos e o desenvolvimento de aprendizagens mais conscientes e autónoma. Com a Portaria n.º 230/2008 de 7 de Março, o módulo de AA deixou de fazer parte dos referenciais desta oferta de qualificação.

Os Temas de Vida, outra dimensão importante dos Cursos EFA inspiram-se numa estratégia de transversalidade dos saberes e exigem uma articulação entre os vários formadores, obrigando assim os formadores a ir ao encontro dos conteúdos e problemáticas que os formandos pretendem trabalhar, de modo a permitir um cruzamento e interligação da formação base com a formação profissionalizante.

Na minha prática diária nesta função, fui entendendo as dinâmicas de aprendizagem dos Cursos EFA, através da minha experiência diária e pondo em prática os seus pressupostos, procurando desenvolver a minha atividade profissional enquanto formadora de adultos e não educadora de adultos. Porque associo o conceito de educadora de adultos, à utilização de métodos pedagógicos expositivos, à interação professor-adulto em que a relação é formalizada, existindo uma relação de poder do educador sobre o adulto. O educador expõe os seus conceitos e o adulto encontra-se numa atitude de mera receção.

Pelo contrário, o que procuro dinamizar como formadora de adultos é a interação recíproca com os adultos com quem me cruzo, recorrendo a métodos ativos e a uma constante comunicação e feedback com os adultos. Tal como afirma Freire (1996, p. 127) “ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Este autor (1981, p. 17) defendeu que qualquer educador deve perceber que ninguém sabe tudo, nem ninguém ignora tudo. Foi com esta ideia subjacente que, nos vários Cursos EFA, nos quais tive oportunidade de intervir, os formados eram incentivados a demonstrarem as competências anteriormente adquiridas e ainda a colocarem em prática, as suas aprendizagens, nomeadamente no desenvolvimento e apresentação dos Temas de Vida, sendo por isso utilizadas predominantemente metodologias ativas.

Outra componente interessante dos Cursos EFA é a avaliação porque supõe uma componente formativa, qualitativa, contextual e processual, valorizando

por isso as competências anteriormente adquiridas, em contraponto com a componente avaliativa do modelo escolar/formalizado que é sobretudo quantitativa.

Nesta minha experiência profissional, as aprendizagens foram extremamente significativas. Em primeiro lugar, destaco a adaptação a uma filosofia de aprendizagem que toma como ponto de partida o formando e não o formador, procurando sempre que o adulto entenda as aprendizagens de um modo integrador.

Tal como afirma Guimarães (2011, p. 421), nos Cursos EFA a formação está assente na reflexão (em contraponto ao modelo escolar que pressupõe apenas a transmissão de saberes) e, por outro lado o desenvolvimento do formando (pela promoção de autoestima, autoconfiança e autonomia) incentivando a construção de um adulto com competências de empregabilidade, mas também de reflexividade que lhe permitirá a adaptação aos desafios atuais de uma sociedade em constante mudança.

Nesse sentido, os formandos que frequentam os Cursos EFA de nível básico, são incentivados a organizar a sua aprendizagem e a transmiti-la aos outros, aquando da execução dos Temas de Vida e, consequentemente, da atividade integradora.

A metodologia adotada pelos formadores nos Cursos EFA pressupõe uma componente mais “dócil” de ensinar, que advém da focalização no adulto, da valorização de uma relação de proximidade formandos/formadores e ainda do recurso a métodos, conteúdos e instrumentos pedagógicos relevantes e significativos para os adultos que frequentam este tipo de oferta de qualificação.

A nível administrativo, o conhecimento da legislação, a organização do processo administrativo dos dossiers técnico-pedagógicos, que está subjacente a este tipo de curso financiado, foi muito enriquecedor. Noutra vertente, a aprendizagem ao nível de gestão de conflitos, negociação, capacidade de

comunicação, liderança, quer dos formandos quer da equipa pedagógica, deve ser enfatizada, uma vez que me permitiu aquisições importantes e muito significativas tanto a nível profissional como pessoal.

Como foi definido por Cavaco (2009, pp. 433-434), o trabalho desenvolvido pelas mediadoras dos Cursos EFA é percecionado como inovador e essencial à implementação deste modelo de formação.

Por sua vez, Guimarães (2011, p. 434) defende que a intervenção destas formadoras de adultos envolve o acompanhamento dos formandos, a motivação dos mesmos para a aprendizagem, nomeadamente informar, guiar, orientar, aconselhar, ensinar e educar, respeitar os ritmos de aprendizagem e de adaptação a novos contextos educativos e formativos, promovendo a integração dos grupos, esclarecendo dúvidas que vão surgindo e procurando suavizar os contratempos que surgem ao longo do percurso formativo. Por outro lado, o trabalho das mediadoras dos Cursos EFA tem ainda uma outra dimensão que pressupõe a concretização das tarefas administrativas e de coordenação entre os formandos e os outros atores que se encontram envolvidos nestes projetos, sejam eles os formadores, as entidades promotoras, as entidades formadoras, as entidades onde decorre a prática em contexto de trabalho, entre outras.

Enquanto mediadora, consegui também adquirir competências no domínio das tarefas administrativas, competências relacionais e conhecimentos sobre as dinâmicas das várias entidades participantes nos projetos onde estive inserida.

Concluo, assim que nos anos em que me vi envolvida nestes projetos, o contato pessoal com os outros foi bastante significativo e enriquecedor quer a nível pessoal, social como profissional.

1.5. *Continuum da aprendizagem versus ação na prática diária*

Iniciei as minhas funções em novembro de 2007 como Profissional de Reconhecimento e Validação de Competências (PRVC) e mantive-me nessas

funções até agosto de 2008, no Centro Novas Oportunidades (CNO) Fernão do Pó situado no Agrupamento de Escolas Fernão do Pó no Bombarral.

Esta situação profissional permitiu-me, pela primeira vez, ter contacto com as histórias de vida dos adultos que se deslocavam ao CNO Fernão do Pó, para realizar o reconhecimento e validação de adquiridos experienciais. Consegui através desta minha experiência de trabalho como formadora de adultos compreender a riqueza desta temática enquanto processo de aprendizagem, quer para os adultos, quer para aqueles que têm oportunidade de trabalhar nesta área.

Segundo Josso (2002, p. 17), a originalidade do método de investigação-formação das histórias de vida é a necessidade que existe por parte dos dinamizadores desta metodologia de procurarem que os autores das mesmas produzam textos que façam sentido para eles e que estes adultos se inscrevam num projeto de conhecimento em que se veem como sujeitos ativos do processo.

Apesar de se estar a falar de reconhecimento e validação de competências (RVC), o que por vezes era vinculado pelos organismos que tutelavam os CNO era de que este não era um processo de formação. A verdade é que sem nunca ter efetuado um estudo empírico acerca desta temática, mas apenas com a certeza que advém da minha experiência como formadora de adultos e do contato com os mesmos, considero que a esmagadora dos que terminaram o processo RVC, seja de nível básico ou de nível secundário, no CNO Fernão do Pó (e acredito que na maioria dos outros CNO também), conseguiram adquirir inúmeras aprendizagens.

Convicção que é corroborada por Carneiro (2010, p. 62) através do seu estudo efetuado acerca da Iniciativa Novas Oportunidades. Também e segundo os testemunhos das equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades os adultos que concluíram processo de RVC tornaram-se pessoas “mais conscientes”, “mais despertas”, “atentas”, “reflexivas”, “críticas”, “motivadas”, “mais realizadas”, “curiosas”, “interventivas”, “compreensivas”,

“respeitadoras”, “comunicativas”, “mais cooperativas” e “com uma enorme vontade de prosseguir em termos de aprendizagem”. Estes ganhos têm implícitas competências pessoais, interpessoais e sociais, bem como cívicas de grande importância.

Para Cavaco (2009, p. 664), o processo de RVCC, inspira-se num conjunto de metodologias, baseadas na abordagem experiencial, no balanço de competências, na análise de atividade e no portefólio. Nesse sentido, tive a oportunidade, como PRVC, de constatar que os adultos adquirem competências que (são transversais a outras áreas) em contextos formais, informais e não formais.

Os adultos através da participação em instituições como voluntários adquirem competências ao nível da cidadania, de relacionamento interpessoal, participação cívica, responsabilidade social. Outro exemplo que poderei enunciar será a aquisição e consolidação de competências de cálculo e raciocínio numérico por parte de um adulto através da sua experiência profissional na área da construção civil.

Acima de tudo, julgo que através desta minha experiência num CNO, aprendi a questionar o modelo escolar e a olhar para a sua supremacia de um modo crítico. Foram também relevantes as aquisições e/ou a consolidação de aprendizagem ao nível da flexibilidade, técnicas de comunicação, desocultação de competências, importância do *feedback*, ritmo de trabalho, trabalho em equipa e gestão do *stress*.

Segundo Cavaco (2009, p. 664), o processo de RVC, realizado nos CNO baseia-se numa metodologia híbrida, que se inspira em traços da metodologia da história de vida e do balanço de competências, mas assume finalidades distintas. A metodologia adotada permite a exploração do sentido do percurso de vida, trabalha a verbalização e a escrita, promove a reconstrução do vivido (os fatos, os contextos, as atividades e os saberes), permitindo ao indivíduo o reconhecimento do valor das suas próprias experiências de vida. É um trabalho sobre a experiência do indivíduo e os seus adquiridos experienciais, orientado

por instrumentos que facilitam o processo de rememoração, reflexão e seleção da informação, permitindo o reconhecimento, validação e certificação de competências face a um referencial.

O PRVC é um dos técnicos dos CNO que explora os percursos de vida de cada adulto, de forma a recolher elementos que lhe permitam inferir em que medida este apresenta as competências definidos nos vários Referenciais de Competências-Chave, bem como motiva e envolve o adulto num processo de reflexão, autoanálise, autorreconhecimento e autoavaliação, segundo Cavaco (2009, p. 687).

Este elemento da equipa pedagógica dos CNO é quem estabelece uma relação mais próxima com o adulto, porque promove a rememoração da experiência de vida, o diálogo, a explicitação das atividades para cada função/tarefa, a escrita, o debate, a cooperação e as relações interpessoais entre os elementos do grupo durante o processo de reconhecimento de competências.

Como refere Cavaco (2009, p. 691), no exercício das suas funções, o Profissional de RVC, assume várias posturas – a de animador, a de educador e a de acompanhante – que variam em função das situações e do que é solicitado pelo adulto. Adota uma postura de animador, quando gere de uma forma dinâmica as sessões de reconhecimento que se realizam em pequenos grupos, promovendo discussões e reflexões conjuntas e reforçando situações de entreajuda que surge espontaneamente entre os adultos. Assume-se como educador, quando explica o processo, dá informações sobre a organização do dossier e o preenchimento dos instrumentos de mediação e quando esclarece as dúvidas dos adultos ao longo do processo. Adota uma postura de acompanhante, quando ao longo do reconhecimento ouve a narração da vida do adulto, motiva o adulto a refletir sobre o passado, o presente e a perspetivar o seu futuro e o ajuda no processo de tomada de consciência.

O PRVC, enquanto educador de adultos, é o técnico que, como já foi referido, estabelece uma relação de grande proximidade com os adultos e, por vezes é visto por estes como um “confidente”. Por outro lado o TDE, é um dos primeiros

elementos da equipa pedagógica com quem o adulto reflete acerca das suas motivações, expectativas, dúvidas, aspirações e projetos futuros. São dois dos elos da equipa pedagógica que apresentam particularidades diferentes, mas que se complementam.

O Profissional de RVC, em conjunto com os adultos que elegem o processo de RVC, como a sua oferta de qualificação, desbravará o caminho do reconhecimento e validação de competências.

Assim que surgiram as primeiras indicações para o novo técnico que iria integrar os quadros dos CNO, ou seja, Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento, demonstrei a minha disponibilidade para exercer esta nova função junto dos meus superiores hierárquicos.

Esta foi a função que exerci até ao encerramento dos Centros Novas Oportunidades, em março de 2013, situação que me deixou profundamente magoada e injustiçada, não só porque com esta decisão, como eu, centenas de profissionais qualificados na área da educação e formação de adultos ficaram no desemprego, mas também porque foi criado um vazio na educação de adultos em Portugal.

O que vem mais uma vez de encontro o que disse Lima (2007, p. 72): “A heterogeneidade e a pluralidade da educação de adultos, enquanto campo de práticas sociais nunca terá sido objeto de práticas públicas globais e polifacetadas, mas antes de orientações segmentadas e heterogéneas geralmente de curto prazo.”

O TDE é o técnico que inicia, com todos os adultos que procuram o CNO, a pesquisa sobre qual a oferta de qualificação mais adequada para a conclusão do seu percurso escolar e/ou profissional. Tem um papel importante quer ao nível interno como externo, uma vez que tem de contactar com outras instituições, seja CNO, entidades, formadores, associações locais, juntas de freguesia, entre outras.

Efetivamente, a minha experiência como TDE, foi uma atividade muito aliciante que me permitiu, em primeiro lugar, estar sempre em constante atualização acerca das ofertas de formação existentes na região onde se encontrava integrado o CNO Fernão do Pó e também contactar com todos os adultos que procuravam esta entidade, motivá-los e remotivá-los para a importância de reiniciarem o seu percurso formativo.

Foi, a partir de setembro de 2008, que iniciei a minha função enquanto Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, apesar de, enquanto Profissional de RVC, já efetuar um primeiro esclarecimento aos adultos e realizar as entrevistas individuais. Ser um dos primeiros rostos do CNO, que tinha como objetivo possibilitar aos adultos que pelas mais variadas razões não puderam completar o seu percurso académico, o recomeçar um caminho interrompido era uma responsabilidade acrescida.

As expectativas iniciais são muito importantes mas sem que cada um de nós disso tenha consciência e ocorrem no primeiro contato dos indivíduos com uma determinada situação. Assim sendo, num primeiro momento de entrada de um adulto no CNO, se a atitude de quem lá trabalha não for de promoção e reforço de uma atitude favorável para a aprendizagem, poderá condicionar a motivação, ou no sentido contrário, a desmotivação. Por isso mesmo, desde o primeiro momento, procurei, acima de tudo, ser o mais empática possível, e ao desempenhar a minha função de TDE, além de seguir as indicações da tutela acerca da metodologia a utilizar, reforcei a importância da necessidade de melhorar quer as qualificações escolares quer profissionais, procurando motivar cada um dos adultos para a importância da aprendizagem e do aprender a aprender.

Durante o tempo em que desempenhei a minha função como TDE, tive sempre como pressuposto que deveria ajudar o adulto a refletir sobre o seu percurso de vida, os seus diferentes papéis, fases e contextos, bem como valorizar os significados que lhe eram atribuídos pelo próprio sujeito.

As atividades do TDE repartiam-se em dois grandes domínios. O primeiro estava associado à intervenção direta com o adulto durante o acolhimento, diagnóstico e encaminhamento, e um segundo que implicava um trabalho de retaguarda.

Nas atividades de contato direto com os adultos, incluíam-se as sessões de esclarecimento, preenchimento da documentação de recolha de informação acerca das motivações, interesses, percurso escolar, formativo, profissional e atividades de tempos livres, as entrevistas individuais para complemento das informações referidas anteriormente e as entrevistas para decisão do encaminhamento dos adultos.

Relativamente às atividades de retaguarda, além da atualização dos dados no Sistema Integrado da Gestão da Oferta Formativa (SIGO), enquadrava-se também a produção de relatórios e a transmissão de informação aos restantes elementos da equipa pedagógica. Outra componente importante deste segundo domínio era a atividade relacionada com a recolha e atualização da informação sobre as ofertas formativas, recolha e atualização da informação sobre entidades formadoras de região e por outro lado o estabelecimento de contatos e colaboração na dinamização de parcerias e na rentabilização de recursos com entidades externas, como Juntas de Freguesia, Associações Locais, entre outras.

Ao longo destes cinco anos em que trabalhei nesta estrutura de educação e formação de adultos do Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, frequentei todas as formações definidas pela Agência Nacional de Qualificação (ANQ) entidade que inicialmente tutelava os Centro Novas Oportunidades e que em 2011, passou a designar-se por Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional (ANQEP). Além disso participei noutras formações dinamizadas por entidades ou instituições diretamente relacionadas com a educação e formação de adultos, porque considero que é imprescindível a formação contínua e a partilha de ideias e experiências por parte dos profissionais que desenvolvem atividades nesta área.

Aprendi muito com a experiência de trabalho, ou seja, através da ação quer enquanto PRVC, como TDE, e com a partilha de ideias e metodologias de trabalho com a equipa com que trabalhei, uma vez que ao longo destes cinco anos de permanência no CNO Fernão do Pó, conheci excelentes formadores de adultos que, infelizmente, tal como eu atualmente não podem continuar a sua atividade como gostariam.

Cavaco (2009, p. 699) referiu que a atividade de PRVC foi sendo construída pelos próprios profissionais, através de um processo permanente de ensaio-erro, de “*bricolage*” e da sua experiência no trabalho diário com os adultos. Tendo em conta a minha prática diária, considero que poderei transpor esta afirmação também para o meu desempenho profissional enquanto Técnica Diagnóstico e Encaminhamento.

O trabalho em equipa é para mim uma das mais-valias da estrutura onde trabalhei, apesar de nem sempre ser fácil e existirem por vezes, vários e até grandes dificuldades/obstáculos no caminho. Resistências essas que foram sendo superadas e permitiram que se conseguisse na minha ótica efetuar um bom trabalho (uma vez que continuam a existir graves lacunas) num âmbito da formação de adultos numa região como o Bombarral e o Cadaval onde predominam baixas qualificações escolares e profissionais.

Penso que ao longo destes anos no CNO Fernão do Pó, conseguimos efetivamente estabelecer uma equipa pedagógica, no sentido de que trabalhar em conjunto o que sempre foi um dos nossos pontos fulcrais e que nos permitiu fazer chegar “o barco a bom porto” e atingir as metas propostas pela própria equipa, e por vezes até mesmo as da tutela.

Tal como foi constatado por Cavaco (2009, p. 719) o trabalho em equipa é uma das características dos CNO. A grande articulação e o entrosamento entre os vários elementos da equipa, através da partilha de informação e o apoio permanente entre todos, são alguns dos aspetos mais positivos do trabalho realizado por estes profissionais.

Nesta minha experiência profissional, enquanto TDE, ao nível do relacionamento com os adultos, com a equipa pedagógica e com outros membros da comunidade educativa onde estava integrada, aprendi a melhorar e adequar a minha abordagem ao nível das técnicas de entrevista, técnicas de recolha de informação, dinâmicas de grupo, técnicas de negociação, comunicação, relacionamento interpessoal, capacidade de liderança, trabalho de equipa, organização de trabalho, motivação, gestão de conflitos e atitude empática.

Num nível mais relacionado com o saber técnico, consegui melhorar a aquisição de conhecimentos sobre a organização do sistema educativo português e de formação, bem como a legislação inerente a estas duas temáticas, e ainda conhecimento acerca da rede de ofertas educativas e formativas da região do Bombarral e dos concelhos limítrofes.

Ao longo deste percurso profissional e em todas as experiências que tive, procurei sempre desempenhar as funções que me estavam destinadas e até outras, de forma dedicada e profissional, procurando ir ao encontro daquilo que era esperado de mim.

Neste caminho da formação de adultos, uma das experiências mais gratificante era quando alguém que inicialmente se dirigiu ao CNO Fernão do Pó, apenas para concluir o 2º ciclo ou o 3º ciclo, porque estava desempregado, ou porque necessitava desse grau de ensino para aceder a um curso de formação e posteriormente ao finalizava esse ciclo se reinscrevia para continuar a sua aprendizagem seja para o nível secundário ou apenas para melhorar as competências noutra área, evidenciando assim o gosto por continuar o caminho da aprendizagem.

Porque, segundo defende Cavaco, (2009, p. 685), o processo de reconhecimento validação de adquiridos experienciais pode contribuir para a criação de uma imagem positiva da formação, nomeadamente de modalidades educativas formais. Permite que os adultos se reconciliem com os processos educativos formais e com a formação em geral, passando a atribuir uma maior

importância aos processos de educação não formal e informal. Na verdade, os adultos têm consciência de que foram estas aprendizagens que lhes permitiram o acesso à certificação escolar.

Para mim, o estar ao lado do adulto, ajudá-lo a encontra-se a si próprio e a perceber que não é apenas um mero espectador ao nível do processo de aprendizagem, mas que é o ator principal, é aquilo que me move. É o que procuro, acima de tudo transmitir aquando do meu encontro com aqueles com que me cruzo, enquanto técnica na área da formação de adultos. Isto porque um formador de adultos deve ser acima de tudo uma pessoa que ajuda o outro a encontrar o seu caminho nas várias alternativas possíveis de aprendizagem.

Contudo, em alguns momentos, os adultos quando se dirigiam ao CNO, faziam-no por razões extrínsecas, como sejam a imposição devido à sua situação de desemprego, a necessidade de progressão profissional ou acesso a um curso de formação não se implicando de uma forma ativa.

Durante estes anos a(s) equipa(s) pedagógica(s) que trabalhava no CNO Fernão do Pó (eu incluída) foram compreendendo que alguns dos adultos que se sentiam “obrigados” a frequentar o Processo RVC, conseguiram através desta oferta de qualificação olhar de um modo diferente para a aprendizagem e as suas várias vertentes (formal, não formal e informal).

Como Canário (2009, p. 623) defende, os adultos pouco escolarizados subestimam, na maioria da vezes, os seus percursos de vida e os adquiridos experienciais de que são portadores, tornando-se fundamental um acompanhamento sistemático no trabalho de explicitação dos seus saberes e competências, o que é assegurado pelos profissionais de RVC e formadores de RVC.

Para finalizar quero apenas referir e enaltecer uma vez mais, que ao longo desta minha jornada como formadora de adultos e nesta minha narrativa penso que consegue-se depreender a importância quer da via formal, não formal e informal na minha aprendizagem. Sendo que estes três contextos devem ser

entendidos como complementares na construção da vida e na aprendizagem dos adultos, sendo por isso importante adotar uma visão dinâmica global.

Deverá existir uma lógica de complementaridade e integração ao nível das aprendizagens decorrentes em contexto formal, não formal e informal que não deve ser menosprezados quando se fala em educação, nomeadamente ao nível das políticas de educação e formação de adultos.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. História recente da educação de adultos em Portugal

Segundo Canário (2000, p. 11), a educação de adultos, surgiu como continuidade das ideias e da filosofia das Luzes, tendo sido criado em 1794, o Conservatório Nacional das Artes e Ofícios (CNAM), que é ainda hoje uma instituição de referência no plano francês e internacional no que se refere a esta temática.

Ainda segundo este autor, foram quatro os fatores que permitiram que a tradição da educação de adultos se desenvolvesse, após a Revolução Francesa, no séc. XIX e a primeira metade do séc. XX: o surgimento e a emergência do conceito devido às alterações sociais existentes, iniciativas de responsabilidade do Estado no sentido de tomar a seu cargo a alfabetização dos iletrados, as iniciativas associadas à formação profissional; e a educação política visando o exercício do sufrágio universal. (Canário, 2000, p. 12)

A Unesco, a partir dos anos sessenta/setenta do séc. XX, desenvolveu um esforço único no domínio da educação de adultos, porque para esta instituição esta temática é um movimento social, logo será necessário promover uma educação permanente para que ocorra o desenvolvimento da sociedade e assim possa existir o progresso técnico e a cultura de modo a beneficiarem todos os seres humanos, como nos transmite. (Finger, 2008, p. 18).

Como afirma o mesmo autor, existiram diferentes tradições na educação de adultos, na Europa. Esta temática advém da tradição da Filosofia das Luzes, existindo uma visão racionalista, que a análise é o essencial para se ter uma boa teoria e só depois agir em função dela. A visão dos americanos é completamente diferente, uma vez que pressupõe que se não se agir, não se aprende, se não se cometem erros, não se pode aprender. Finger (2008, p. 19)

Em consonância com Canário (2000, pp. 36-37), neste trabalho adota-se a definição de educação de adultos que resultou da conferência da Unesco de Nairobi, em 1976:

“ O conjunto de processos organizados de educação, qualquer que seja o seu conteúdo, nível e o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial dispensada nos estabelecimentos escolares e universitários e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais pessoas consideradas como adultas pela sociedade de que fazem parte desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspetiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento socioeconómico e cultural equilibrado e independente”.

Contudo, só se verifica uma difusão das práticas educativas dirigidas a adultos, após a II Guerra Mundial, ocorrendo ainda um processo de diferenciação das mesmas e de complexificação do próprio campo da educação de adultos, passando a existir uma grande heterogeneidade de ofertas, como afirma Canário (2000, p. 12), isto porque durante largos anos a educação de adultos e alfabetização foram entendidos como sinónimos.

O desenvolvimento da educação de adultos, por um lado contribuiu para a dominância da forma escolar, por outro lado com o reconhecimento do carácter educativo da experiência vivida em contextos sociais muito diversos, estranhos e longínquos ao tradicional universo escolar, começa a delinear-se o fim (pelo menos teórico) do “monopólio educativo” da instituição escolar. A ação e práticas educativas ocorrem e são reconhecidas no exercício do trabalho, nas atividades lúdicas em ambiente privado ou público, em intervenção social, como defende Canário (2000, p. 16).

Segundo o mesmo autor (2000, p. 87), no início dos anos setenta do séc. XX, emergiu o movimento da educação permanente, num contexto de rutura e de

crítica com o modelo escolar que se deveu em muito à publicação, pela UNESCO, de um relatório sobre a educação que enfatiza, por oposição a uma lógica de acumulação de conhecimentos, um processo de “aprender a ser”. Este relatório representou um ponto de viragem do pensamento sobre a educação, nomeadamente sobre a educação de adultos.

Em decorrência, o conceito de educação passa a ser entendido como um processo contínuo que ocorre desde o nascimento à morte e se confunde com a existência e a “construção da pessoa”. Neste sentido a perspectiva da educação permanente emerge como um princípio reorganizador de todo o processo educativo.

Para Canário (2000, pp. 58-59), no período que decorreu entre 1974 a 1976, a educação de adultos em Portugal, também em consonância com o que vinha acontecendo no Mundo, teve como orientação a valorização, o apoio e incentivo dos movimentos sociais que advinham da cultura popular, a partir das iniciativas de base. Infelizmente, este período de educação popular, muito influenciado por Paulo Freire, foi curto e permitiu apenas que alguns anos mais tarde, no início dos anos oitenta, fossem retomadas essas ideias no quadro da conceção do Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos (PNAEBA).

A partir de 1996, após um diagnóstico que evidenciava a ausência de um sistema de educação de adultos e com a promessa de uma política de desenvolvimento, promoveu-se a educação extraescolar, a educação para o desenvolvimento, e o apoio ao movimento associativo, como apologia do renascimento da educação de adultos, como afirma Lima (2008, p. 46).

Ainda de acordo com Lima (2008, p. 47), em 1998, é lançado um Programa de desenvolvimento da educação e formação de adultos e em 1999, é criada a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), no entanto esta entidade que inicialmente tinha outros projetos circunscreveu-se ao reconhecimento, validação e certificação de competências e dos novos cursos de educação e formação de adultos, ficando aquém do previsto.

A indução predominou sobre a intervenção, em 2002 foi extinta a ANEFA, surgindo a Direção Geral de Formação Vocacional. Desta forma, opta-se pela “qualificação dos recursos humanos”, pela “formação vocacional” e pela “qualificação ao longo da vida”. A educação de adultos, volta a ser “formação de adultos”, para a “população ativa”, para efeitos de “qualificação profissional”. Lima (2008, p.49).

Também como Canário (2000, p. 59) nos transmite, a educação de adultos nos últimos anos nunca foi uma prioridade educativa, ficando apenas refém das conceções e práticas pedagógicas do paradigma escolar, reduzindo-se a uma dimensão de ensino recorrente.

Como afirma Cavaco (2009, p. 268), que como os estudos sobre esta temática afirmam esta oferta sendo marcadamente influenciada pelo modelo escolar torna-se, extremamente desadequada face ao público que visa servir, ou seja, os adultos.

Em contraponto, Guimarães (2011, p. 364), diz que o Programa Novas Oportunidades retomou ofertas como o RVCC e os Cursos EFA, sendo que o fundamento base destas iniciativas era um aumento do número de certificações da população adulta e ao articulá-las com o Plano Nacional de Emprego 2005-2008, enfatizar o combate ao desemprego, o que contudo não se veio a verificar.

Com o surgimento da Agência Nacional para a Qualificação (ANQ) em 2007, reforça-se a ligação entre educação e formação de jovens e de adultos, enfraquecendo o destaque para a educação de adultos conseguido com a ANEFA, tendo sido atribuída prioridade ao RVCC, em detrimento de outras ofertas como os Cursos EFA, reforçando-se sempre a ideia de educação e formação para a competitividade, como refere Guimarães (2011, pp. 366-367).

Para esta autora (2011, p.373), nos últimos anos tem existido um impacto considerável das orientações da União Europeia (UE) nas políticas de educação e formação de adultos em Portugal, o que provocou uma

centralidade do Estado no que se refere à administração e gestão das ofertas públicas, sendo por isso enfatizadas as ofertas ao nível da educação e formação de adultos que promovem a orientação para a integração/manutenção dos adultos no mercado de trabalho, controlo e reprodução social.

Canário (2006, p. 266) afirma que a ausência de uma política estatal de educação de adultos que seja integradora e consistente não pode ser justificada pela falta de tradição desta temática em Portugal, pela falta de estudos de diagnóstico, nem pela falta de recursos financeiros. Isto porque, mesmo durante a ditadura foram desenvolvidas práticas de EFA, nomeadamente práticas de educação popular.

Por outro lado, nas últimas décadas foram elaborados diversos estudos e análises que permitem elucidar os constrangimentos das políticas de educação de adultos e que apontaram recomendações para as ultrapassar. Por último, a partir dos anos oitenta do séc. XX, Portugal usufruiu de avultados financiamentos comunitários através do Fundo Social Europeu.

Neste âmbito, Cavaco (2009, p. 267) constata que as políticas públicas de educação de adultos em Portugal, nos últimos trinta anos, têm-se circunscrito unicamente às questões de alfabetização e educação de base, o que indicia uma perspetiva redutora deste campo de práticas que deveria ser caracterizado pela diversidade e complexidade, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Lima (2008, p. 50), por sua vez diz que ao longo das últimas três décadas, a educação e formação de adultos em Portugal foi sujeita a uma considerável lógica de políticas educativas, tem sido transformada em “gestão de recursos humanos”, orientada para a produção de “vantagens competitivas” no mercado global e funcional adaptada à racionalidade económica.

Para este autor, “A educação deve ser livre, democrática, para o desenvolvimento pessoal e social e não se deve aprisionar por esquemas

reducionistas de subordinação e adaptação aos imperativos da modernização económica, da competitividade e da empregabilidade.” (Lima, 2008, p. 56)

2.2. Educação formal, não formal e informal

Canário (2000, pp. 20-22) refere um autor de referência ao nível da educação de adultos, António Nóvoa explorando seis princípios enunciados por este e que deverão servir de orientação aos projetos de formação de adultos.

1º Princípio: “o adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional (...) Mais importante do que pensar em formar este adulto é refletir sobre o modo como ele próprio se forma, isto é, o modo como ele se apropria do seu património vivencial através de uma dinâmica de compreensão retrospectiva.”

2º Princípio: “A formação é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimento), do saber fazer (capacidades) e do saber ser (atitudes), para concretizar este objetivo é necessário “ uma grande implicação do sujeito em formação, de modo a ser estimulada a estratégia de autoformação”, bem como “uma participação alargada dos formandos na conceção e implementação do projeto de formação”.

3º Princípio: “ A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo, por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua atividade profissional

4º Princípio: “Formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na produção e não no consumo do saber. “A formação deve organizar-se numa tensão permanente entre a reflexão e a intervenção, a formação deve basear-se no desenvolvimento de um processo de investigação”, a formação deve ser encarada como uma função integradora institucionalmente ligada à mudança”.

5º Princípio: “A formação deve ter um cariz essencialmente estratégico, preocupando-se em desenvolver nos formandos as competências necessárias para mobilizarem em situações concretas os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante a formação.”

6º Princípio. “como dizia Sartre, o homem caracteriza-se, sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações pelo que consegue fazer com que os outros fizeram dele. A formação tem de passar por aqui.”

Para Canário (2000, p.80),

“o processo educativo é um *continuum* que integra e articula diversos níveis de formalização de toda a ação educativa, nomeadamente o nível formal, não formal e o informal. O nível formal, de que o protótipo, é o ensino dispensado pela escola, com base na assimetria professor aluno, na estruturação prévia de programas e horários, na existência de processos avaliativos e certificação. Um outro nível não formal, caracterizado pela flexibilidade de horários, programas e locais, baseado geralmente no voluntariado, em que está presente a preocupação de construir situações educativas “à medida” de contextos e públicos singulares. É justamente no campo da educação de adultos, em regra mais ativamente refratário a processos escolarizados, que estas modalidades se têm vindo a desenvolver. Por último, um nível informal que corresponde a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais, por parte dos destinatários, correspondendo a situações pouco ou nada estruturadas ou organizadas. É aqui que se insere, por exemplo, a animação sociocultural.”

Segundo Cavaco (2002, p. 17), a educação de adultos não se circunscreve meramente às modalidades educativas formais, mas idem às não formais e às informais, ou seja, a totalidade dos processos educativos que estão presente ao longo da vida de cada um dos adultos.

Esta autora defende (2002, pp. 38-40) que a educação informal não possui um conteúdo definido prévio, nem um programa pré- estabelecido, não sendo exigidos pré - requisitos aos sujeitos, sendo que os conteúdos estão organizados em função de uma lógica de ação e não de aprendizagem, o contexto de aprendizagem não tem qualquer tipo de especificidade ao nível do seu contexto. Na educação informal, o processo é contínuo e permanente,

sendo que a ação educativa pode ser ou não intencional e concretiza-se através da experiência, que, por sua vez, apresenta um carácter local, pois resulta do contacto com uma situação concreta, num determinado contexto.

Neste sentido, todos os adultos são, em simultâneo, educadores e aprendizes e a educação permanente vai adquirir um novo significado deixando de ser escolarizada e distante, para estar presente nos locais onde as pessoas se movimentam, sejam eles a escola, o local de trabalho, família, a associação que pertencem ou grupo de amigos com quem compartilham as mais diversas atividades.

Por outro lado, segundo Canário (2006, p. 196), a educação formalizada é deliberada e baseada na assimetria de papéis, ocorrendo num tempo, num lugar, e numa instituição própria. Em contraponto com a educação não formal, que consegue a sua afirmação a partir da segunda metade do séc. XX, devido às práticas educativas orientadas para públicos adultos. Porque foi neste período que surge a consolidação de práticas educativas não formais associadas à formação de adultos, sobretudo logo após a II Guerra Mundial.

Para Canário (2006, p. 242) a entrada no universo escolar nos anos sessenta do séc. XX da educação não formal, através de novos tipos de dispositivos documentais nas escolas, ou seja de transformação das tradicionais bibliotecas escolares em modernos centros de recursos, foi incentivada pela UNESCO. Este fato permitiu que surgissem estratégias de intervenção educativa, marcadas pela não formalidade, muito presentes também na literatura da educação de infância.

Há décadas que surgiram fortes críticas ao modelo escolar, emergindo uma nova perspetiva sobre a educação, vivendo-se hoje a era “Aprendizagem aoLongo da Vida”, que procura reativar as ideias do movimento de educação permanente, contudo descurando as preocupações de humanização e do pleno emprego. Embora, a premissa deste movimento da educação permanente é de que não só o sistema formal de ensino, como também a sociedade tem o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos

adultos dos seus diversos papéis sociais, como já referi anteriormente enquanto trabalhador, aluno, formando ou cidadão ativo na sociedade.

Na mais recente recomendação do Conselho Nacional de Educação: Recomendação n.º 3/2013 que faz referência à Recomendação sobre Políticas Públicas de Educação e Formação de Adultos é referido que devem ser retiradas conclusões relativamente às características pedagógicas da educação não formal: o equilíbrio que existe ou deve existir entre as dimensões cognitivas, emocionais e práticas da aprendizagem; o seu carácter desinteressado, isto é que não tem outro proveito imediato senão o próprio saber, o que seria particularmente importante em contextos sociais em que os estudos já não garantiriam um emprego, nem conduziriam diretamente a uma profissão; a importância das organizações da sociedade civil na promoção dessa aprendizagem experiencial e as possibilidades, quase infindáveis, abertas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

O que vem corroborar mais uma vez a necessidade que existe de olhar para a importância da dimensão não formal e informal da educação, procurando mecanismos de valorização dessas componentes, uma vez que deverão ser entendidas como vias para a aquisição da aprendizagem a par com a educação formal.

2.3. Aprendizagem e experiência

Freire (1970, p. 39) afirma “... o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem”.

Canário (2000, p. 42) transmite que a afirmação do formando, como sujeito e ponto de referência central da globalidade e da continuidade do processo de formação, ganha consistência a partir da linha de investigação em torno das histórias de vida que foram introduzidas nos anos noventa do séc. XX.

A partir daí, verifica-se uma importância do saber experiencial, nomeadamente na EFA, emergindo práticas novas em torno do conceito de reconhecimento dos adquiridos experienciais, contribuindo para uma inversão das abordagens tradicionais, que se limitavam a transpor conceitos da educação das crianças e jovens para as práticas de formação de adultos.

Segundo Canário (2000, p. 66), os processos de desenvolvimento local que muitas vezes são marginalizados devem ser perspetivados como processos educativos, que são capazes de colocar o enfoque nos processos de aprendizagem, valorizando os conhecimentos experienciais dos adultos e a sua interação coletiva na resolução dos problemas locais, que são simultaneamente educativas e de desenvolvimento.

Para Canário (2000, p. 109), o reconhecimento da importância da experiência nos processos de aprendizagem supõe que esta é encarada como um processo interno ao sujeito e que corresponde, ao longo da sua vida, ao processo da sua autoconstrução como pessoa.

Para o mesmo autor, é imprescindível que ocorra uma articulação entre os saberes adquiridos na ação e os saberes formalizados, de natureza teórica, que irá enfatizar a reflexão na ação como processo de conhecimento. Quando se aborda esta temática nas teorias da formação, nomeadamente da formação de adultos, é conferido uma importância decisiva aos saberes adquiridos por via experiencial, e ao papel de “âncora” na produção de novos saberes, de modo a existir uma lógica de continuidade, com uma lógica de rutura. (Canário, 2000, p. 111),

Sendo por isso necessário, segundo o mesmo autor (2000, p. 112), encarar a experiência de vida como um ponto de partida fundamental, para organizar processos deliberados de formação, implica um olhar retrospectivo sobre o percurso anteriormente realizado.

O reconhecimento de adquiridos experienciais surge, como uma prática recente em que o adulto é reconhecido como sendo o principal recurso da sua

própria formação, procurando assim evitar ensinar às pessoas conteúdos que elas já dominam. Como nos transmite Freire (1970, p. 34) se o educador é o que sabe, cabe aquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos seguidores que deixa de ser “experiência feita”, para ser da “experiência narrada” que é transmitida.

Os conceitos de formação experiencial e de aprendizagem experiencial aparecem com algum intervalo de tempo nos Estados Unidos da América e na Europa. O termo, *experiential learning* é enunciado pela primeira vez nos EUA em 1930; contudo o neologismo *formation expérientielle*, surge em França apenas na década de oitenta do séc. XX, segundo Cavaco (2002, p. 28).

A mesma autora afirma que, no processo de aquisição de conhecimentos por via experiencial, não se adquire unicamente saber-fazer, mas também saber e saber-ser, ou seja, efetuam-se aprendizagens nos domínios psicomotor, cognitivo, afetivo e social. (Cavaco, 2002, p. 33)

Neste sentido, só as experiências que provocam alterações duráveis podem ser consideradas formativas, o que depende sobretudo, da intensidade e pertinência da experiência para o sujeito. O facto de a aprendizagem ocorrer sempre num contexto circunscrito às vivências do aprendente leva-nos a pensar que fica dificultada a transferência dos saberes para outros contextos, o que é percecionado como uma das limitações da formação experiencial.

Para aprender, é necessário compreender o sentido das experiências, ou seja, refletir e tornar conscientes as experiências de vida e é neste sentido que se pode falar de formação experiencial. A experiência normalmente é fundamental na aprendizagem de todos os indivíduos, mas ocupa um lugar ainda mais relevante tornando-se imprescindível junto das pessoas que por diversas razões registaram dificuldades ou impossibilidade de acesso à educação formal, como diz Cavaco (2002, p. 35).

Segundo refere o mesmo autor (2002, p. 38), na aprendizagem experiencial, um dos elementos mais determinantes no processo é a percepção que o sujeito tem da eficácia imediata da aprendizagem realizada.

Por sua vez Canário (2006, p. 198) diz que o pressuposto principal que deverá ser analisado quando se debate a educação de adultos é que o património experiencial de cada um representa o recurso mais importante para a realização de novas aprendizagens.

Como afirma o mesmo autor (2006, p. 199), no debate sobre a relação entre experiência e a aprendizagem que atravessa toda a história da filosofia, existe um confronto entre uma postura que associa a experiência à rotina e vê nela um obstáculo ao conhecimento. Em contrassenso com um outro pensamento que encara a experiência como a primeira e a necessária condição para aprender algo. Esta abordagem permite a elucidação dos processos educativos a partir de abordagens biográficas, o que permite conferir ao sujeito e à sua subjetividade um estatuto epistemológico, rompendo com as concepções de “pedagogia experimental”, sendo que o centro de toda a atividade educativa é a pessoa que aprende, a sua experiência e ações sociais.

O movimento de educação permanente, no início dos anos setenta do séc. XX, afirmou o primado da pessoa e do “aprender a ser”, propondo a aprendizagem como um processo global e contínuo que ocorre em todos os tempos e lugares. Contudo, só com a corrente das histórias de vida, foi possível colocar em questão “como se formam os adultos”, dando-se então uma revolução de paradigma. Com este movimento ocorre uma valorização da aprendizagem por contraste ao ensino, entendendo-a como um processo apropriativo de oportunidades, de natureza educativa vivenciados na vida quotidiana que se definem pelas suas consequências (efeitos) e não pela sua intencionalidade, segundo Canário (2006, pp. 200-201).

Para o mesmo autor (Canário, 2006, p. 201-202) Pain propõe-nos um quadro teórico que nos remete para duas conclusões: em primeiro lugar, a necessidade de construção políticas de intervenção educativas orientadas para o reforço

deliberado e sistemático de espaços, em que estão os adultos se encontram quotidianamente inseridas; e por outro lado a necessidade de se conferir à educação não formal uma prioridade estratégica, na medida em que esta constitui a matriz base do conjunto de processos de aprendizagem, o que nos remete para a premissa de que a educação formal deveria ser um complemento dos processos educativos não formais.

A educação, encarada como um processo permanente de autoconstrução da pessoa humana, supõe a atribuição de um papel fundamental, ao sujeito e à sua experiência, de acordo com Canário (2000, p. 135).

Para Josso (2008, p.123), a formação é sempre experiencial; se não for experiencial, não há formação. Todas as histórias de vida contam que houve formação, apenas quando houve experiência. A experiência implica uma dimensão afetiva, uma reflexão sobre aquilo que foi vivido. Por isso, é necessário desenvolver pedagogias que ofereçam aos aprendentes a possibilidade de realizarem experiência.

Canário, Cabrito e Cavaco (2008, pp. 156-157) afirmam que deve romper-se com o modelo escolar dominante, dando lugar à modalidade de formação-ação que permita articular aprendizagem – via simbólica e aprendizagem por via experiencial. Deve-se incidir, em simultâneo sobre as pessoas e sobre as organizações, combinar as dimensões da qualificação escolar e da qualificação profissional, promover a formação em mudança e fazer da formação um projeto.

Estes autores defendem que a pedagogia do modelo e da forma escolar, deve ser substituída por dispositivos de formação que articulem a informação, a interação e a produção dos formandos, valorizando o seu património experiencial e se materializem em processos de intervenção nos contextos de trabalho, fazendo apelo à cooperação de equipa e formadores, especialista e também generalistas. (Canário, Cabrito e Cavaco, 2008, p. 158)

Para Cavaco (2009, pp. 635-636), o reconhecimento, validação e certificação de adquiridos experienciais colocou no domínio público a questão da experiência e, em resultado dessa situação, os atores envolvidos na conceção e desenvolvimento do processo familiarizaram-se com o conceito e tendem a naturalizá-lo. O objeto da avaliação não é a experiência de vida, nem as aprendizagens realizadas, mas sim os adquiridos experienciais que podem ser comparados com as competências de um referencial.

O conceito de *experiência* engloba uma diversidade de significados, o que reflete a complexidade dos elementos que lhe estão inerentes. A experiência apresenta um carácter dinâmico. É questionada e alterada em função das novas situações vivenciais, o que permite a evolução do indivíduo e dá origem a um processo de formação ao longo da vida. A experiência apresenta um carácter dinâmico, é questionada e alterada de acordo com as novas situações vivenciais e origina um processo de formação ao longo da vida, segundo afirma Cavaco (2009, pp. 637-641)

O trabalho de (re) elaboração da experiência implica um processo de mobilização (considerar a experiência como objeto de análise), de memorização, de orientação (ajustamento às finalidades do processo), de seleção e organização da informação e de expressão, segundo (Cavaco, 2009, p.645)

Neste sentido, o discurso dos adultos no processo de reconhecimento, validação e certificação de competências, incide sobre uma leitura da sua experiência de vida que irá depender de um conjunto de fatores, o seu envolvimento e a sua motivação, a sua perceção e as suas expectativas em relação ao processo, a sua capacidade de reflexão e de distanciamento face ao vivido, a sua capacidade de gerir emoções e a sua capacidade de expressão oral e escrita. Este trabalho de re(elaboração) da experiência está também muito dependente do tempo disponibilizado para esta tarefa que irá diferir de pessoa para pessoa, bem como de outra variável importante que será o acompanhamento realizado pelas equipas dos CNO, como nos transmite Cavaco (2009, p. 645).

A mesma autora (2009, pp. 646-651) defende que a experiência deve ser compreendida como um produto (modo de ser, pensar e agir), inscrevendo-se na organização da ação e do pensamento humano e mantém os traços das situações em que se construiu. Por isso, de encontro como o que foi dito anteriormente, para ser objeto de reflexão a experiência tem de ser (re)construída pelo adulto. A dificuldade de (re)elaboração e narração da experiência no processo de reconhecimento e validação de competências é decorrente de vários fatores, entre os quais, a capacidade de reflexão e distanciamento relativamente ao vivido, as competências de escrita, a motivação e implicação no processo, o à vontade para falar e partilhar o seu percurso com outras pessoas e o tipo de aprendizagens realizadas ao longo da vida.

2.4. Certificação de adquiridos experienciais

“O reconhecimento de adquiridos experienciais, é uma prática recente que permite encarar o adulto como o principal recurso da sua formação e evitar o erro de pretender ensinar às pessoas coisas que elas já sabem. A prática do reconhecimento de adquiridos experienciais tem como fundamento, a cumulatividade das experiências vividas, mas a capacidade do sujeito para as tirar e reelaborar, integrando-as como saberes suscetíveis de serem transferidos para outras situações, integrando-as na unidade global que representa o processo de autoconstrução da pessoa.” Canário (2000, p.112)

Surgiu nos anos noventa, do séc. XX, a corrente das histórias de vida e a consequente revalorização epistemológica da experiência, no âmbito das ciências da educação. Esta corrente forneceu os elementos de natureza teórica para sustentar a emergência de políticas, dispositivos e práticas de “reconhecimento de adquiridos” como eixo central das políticas de “aprendizagem ao longo da vida”, segundo Canário (2006, p. 239).

Por sua vez Cavaco (2009, p. 596) afirma que as primeiras práticas de reconhecimento e validação de adquiridos experienciais surgiram nos anos cinquenta, nos EUA e no Canadá. Com inspiração predominantemente humanista, elas visavam sobretudo o desenvolvimento e valorização pessoal e resultam de um conjunto de fatores sociais, económicos e científicos.

Ainda segundo a autora referida anteriormente, (Cavaco, 2009 p. 597), os níveis educativo e científico surgiram, por um lado de um conjunto de perspetivas educativas, a partir da segunda metade do séc. XX, e do surgimento de correntes teóricas no campo das ciências sociais que permitiram o desenvolvimento das políticas e práticas de reconhecimento de adquiridos experienciais.

Segundo Canário (cit in Cavaco 2009 pp. 597-598), existem três correntes essenciais para a dinamização da educação de adultos: o movimento de educação permanente, a corrente da abordagem biográfica e a valorização da educação não formal. Com o movimento de educação permanente colocou-se em questão o modelo escolar, uma vez que se defende a existência de continuidade no tempo e no espaço entre a aprendizagem e a ação, e com esta rutura com o modelo escolar, emergiram os antecedentes para a valorização e reconhecimento das potencialidades, em termos de aprendizagem, das modalidades educativas não formais e para a projeção e visibilidade social da educação de adultos.

No que se refere, à corrente das “Histórias de Vida” nas Ciências da Educação, esta permitiu uma reflexão epistemológica acerca da questão “Como se formam os adultos?”, possibilitando a rutura com a lógica de escolarização e contribuir para a compreensão do processo formativo. Percebeu-se que a formação ocorre numa dialética de ação entre o sujeito, os outros e o contexto, sendo um processo de apropriação individual, reforçando-se o contributo da reflexão sobre as vivências e a autoformação. Por outro lado, surgiram correntes teóricas nas Ciências Sociais que permitiram compreender a essência do processo formativo e o papel da experiência e do sujeito que, apesar de serem diferentes, todas reforçam a centralidade da pessoa enquanto

sujeito da sua formação, a importância da experiência na aprendizagem. (Cavaco 2009, p. 598)

A mesma autora (2009, p. 598) referiu que a evolução no mundo de trabalho, nas últimas duas décadas, marcou de uma forma decisiva a promoção de políticas e práticas de reconhecimento de adquiridos. A mobilidade profissional, para além de um imperativo do sistema económico, transformou-se num fenómeno social valorizado, o que reforçou a necessidade de se apostar em mecanismos de reconhecimentos dos saberes adquiridos nos diversos contextos profissionais. As alterações na própria conceção de trabalho deram lugar à primazia das competências de banda larga, que podem ser adquiridas através das modalidades educativas formais, não formais e informais. Por seu turno, as evoluções tecnológicas e a competição internacional exigem uma gestão rigorosa dos recursos humanos. Estes fatores justificam o relevo das políticas de reconhecimento de adquiridos enquanto estratégias orientadas para a gestão de recursos humanos.

Para Cavaco (2009, pp. 599-600), o processo de reconhecimento dos saberes socialmente valorizáveis é uma alteração importante nos modos de acesso ao diploma escolar. O êxito da noção de competência, nos contextos organizacionais e nas práticas formativas, está relacionado com as mudanças no mundo de trabalho. A noção de competência contribui para se compreender que a aquisição de saberes não é condição suficiente para o seu uso. A transferência de saberes e a mobilização de recursos para o desenvolvimento de competências são processos complexos que dependem de fatores contextuais, inerentes à ação, como a motivação e a reflexão efetuado pelo indivíduo. Estes mecanismos colocam em evidência a importância da ação e dos processos cognitivos que nela ocorrem, o que confirma as suas potencialidades formativas e reforça a pertinência social dos mecanismos de adquiridos experienciais.

As políticas e práticas de reconhecimento de adquiridos experienciais fundamentam-se, em duas perspetivas opostas. Por um lado, a perspetiva inspirada na corrente humanista, na qual se basearam as práticas pioneiras de

reconhecimento de adquiridos, centrada na pessoa, com finalidades de emancipação individual e social. Por outro lado, a perspetiva orientada para a gestão de recursos humanos, ao serviço da competitividade económica, segundo Cavaco (2009, p. 601).

Em Portugal, segundo Cavaco (2009, p. 604), a associação entre o reconhecimento de adquiridos, a qualificação dos recursos humanos e a política ativa de emprego justificam a aposta política e a visibilidade social destas práticas. O progressivo interesse político nas práticas de reconhecimento de adquiridos originou a expansão muito rápida da rede de CNO e a pressão no cumprimento das metas nem sempre razoáveis, sobretudo quando o processo se revelou complexo e com muitas especificidades ao nível dos contextos de intervenção. O aumento da pressão da tutela para a concretização das metas tornou cada vez mais difícil assegurar as exigências de qualidade impostas pelas próprias equipas.

Ainda como é referido por Cavaco (2009, p. 605) o processo de construção das práticas de RVCC, a sua qualidade e credibilidade estão diretamente dependentes do tempo que as equipas dedicam à reflexão sobre o seu próprio trabalho. Contudo, apesar das equipas sentirem necessidade de reunir e refletir para alterar os dispositivos e procedimentos, a pressão para o cumprimento das metas exige-lhes a aposta na intervenção direta junto dos adultos, em detrimento de períodos de reflexão da equipa.

Para esta autora (Cavaco, 2009, pp. 610-611), as práticas de reconhecimento e validação de competências baseiam-se numa nova conceção do saber, no recurso a metodologias inovadoras e no uso de terminologias pouco conhecidas, o que exige um período de adaptação e interiorização da lógica inerente ao processo, tanto pelos elementos das equipas técnicas como pelos adultos que aderem a esta nova prática. Sendo que é imprescindível um período de adaptação e interiorização das novas referências, por parte dos elementos da equipa técnica, sendo este um processo que necessita de alguma maturação.

Cavaco (2009, p. 617) afirma que o conceito de reconhecimento de adquiridos reenvia para a ideia de reflexão, de observação, de identificação e de análise. O reconhecimento não se limita a um trabalho de descrição da experiência de vida. Envolve rememoração, seleção e análise de informação e implica, sobretudo, um rigoroso processo de reflexividade e de distanciamento face ao vivido, o que tem potencialidades formativas.

CAPÍTULO III – TRABALHO EMPÍRICO

3.1. Enquadramento do trabalho empírico

Procurei com o trabalho empírico recolher testemunhos de adultos que concluíram o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), sobre quais as aprendizagens adquiridas e em que contextos, impactos positivos ou negativos do processo RVC e quais as mudanças que advieram da frequência do mesmo.

Este trabalho empírico visa compreender a importância da educação formal, não formal e informal, de que modo o processo de reconhecimento de validação de competências permite a valorização da educação formal, informal e não formal, assim como identificar as aprendizagens que foram adquiridas após a frequência do processo de RVC.

As questões centrais e orientadoras do meu estudo são as seguintes:

- Qual a importância da educação informal e não formal na aprendizagem dos adultos?
- Em que medida o processo RVC, permite a valorização da educação formal, informal e não formal?
- Que aprendizagens foram adquiridas após o processo de RVC?

3.2. Opções metodológicas

Para o estudo da temática escolhida, foram levadas a cabo entrevistas semi-diretivas. De acordo com Ghiglione e Matalon (1993), estas permitem aprofundar aspetos, como por exemplo, as aprendizagens que os adultos consideraram ter obtido, e atribuem ao entrevistado um certo grau de liberdade, diminuindo a ambiguidade das respostas, o que foi facilitador para a análise e comparação dos conteúdos produzidos pelos adultos entrevistados. Para além disso permitiu aos inquiridos verbalizar pensamentos, opiniões e sentimentos relacionados com a temática que estamos a analisar.

Numa fase inicial, a partir das questões orientadoras, elaborei o guião da entrevista (Anexo 1). Este guião foi construído tendo por orientação os trabalhos de Salgado (2011) e Lima e Guimarães (2012), estudos que procuraram também abordar a mesma problemática que o meu trabalho empírico.

Numa fase posterior, foi necessário definir os critérios de seleção dos adultos a entrevistar, tendo estes sido o género, a idade e o nível de certificação obtido.

Assim foram entrevistados:

- dois adultos do sexo feminino e dois do sexo masculino de modo a criar homogeneidade ao nível do género;
- adultos com idade entre os trinta e seis anos e os cinquenta e oito anos, uma vez que foi neste âmbito que se registaram maiores taxas de certificação de adultos no CNO Fernão do Pó;
- adultos que concluíram processo de RVC de nível básico à menos de um ano, porque foi neste nível de certificação que maior número de indivíduos terminaram o processo, quer no CNO referenciado, quer mesmo a nível nacional.

Será necessário ainda referir que três dos inquiridos frequentaram Formação Modular na área das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e todos os quatro entrevistados na área da Matemática para a Vida (MV). Porque durante o processo de acolhimento, diagnóstico, foram verificadas lacunas nestas áreas sendo por isso os adultos encaminhados para frequentarem estas formações, que ocorreram em parceria com uma entidade formadora.

Depois dos critérios definidos, foi necessário pesquisar no Sistema de Gestão da Oferta Formativa (SIGO) do CNO Fernão do Pó adultos com este perfil, o que me permitiu a identificação dos sujeitos. Este procedimento foi efetuado com o apoio da Coordenadora da referida entidade.

Foi necessário adotar alguns procedimentos que visaram a recolha de dados. Em primeiro lugar contatei telefonicamente a Junta de Freguesia do Painho e a

Junta de Freguesia do Vilar, para que aí pudessem decorrer as entrevistas já que foram os locais onde decorreram os processos de reconhecimento e validação de competências. Uma vez que os referidos inquiridos participaram em processos de RVC em regime de itinerância, estas entidades foram contatadas de modo a solicitar autorização para a utilização das suas instalações para a realização das entrevistas.

Depois dos locais definidos para as entrevistas, foram então contatados por telemóvel os adultos. Nestes contatos solicitei a sua disponibilidade para participação no estudo. Posteriormente, efetuei a marcação das respetivas entrevistas.

Nos vários contatos efetuados, foram sempre explicitados quais os motivos e os objetivos das entrevistas e, conseqüentemente, do estudo que estava a ser efetuado.

Numa fase posterior, efetuei a recolha de dados que decorreu em dois dias consecutivos: num primeiro dia foram realizadas duas entrevistas na Junta de Freguesia do Painho, que tiveram a duração de cerca de vinte minutos cada, identificadas como entrevista 1 (E1) e entrevista 2 (E2).

No segundo dia, foram inquiridos mais dois adultos na Junta de Freguesia do Vilar, a primeira com a duração de vinte minutos identificada como entrevista 3 (E3) e a segunda, a entrevista 4 (E4), com a duração de quarenta minutos.

Os adultos responderam a todas as questões que foram colocadas. Contudo a pergunta número três, que questionava os adultos acerca da valorização dos conhecimentos através do processo de reconhecimento, validação de competências, parece não ter sido adequada, uma vez que os inquiridos não enfatizaram conhecimentos adquiridos, mas sim a aquisição dos mesmos.

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas (Anexo 2) e posteriormente foram tratadas através da análise de conteúdos. Este tratamento teve como

objetivo conseguir uma organização adequada e sistematização das várias entrevistas (Anexo 3).

3.3. Análise das respostas dos inquiridos

3.3.1. Importância da educação formal, não formal e informal

Em relação à primeira pergunta: “Após a sua saída da escola, frequentou algum tipo de/ensino (seja formal ou não formal)? Quais e em que domínio?” A esta questão a resposta foi unânime, pois todos os inquiridos frequentaram ações de formação, essencialmente relacionadas com a atividade profissional, como se pode verificar nestes trechos:

“Fiz de máquinas agrícolas, fiz de vitivinicultura”, (entrevista 1)

“Tirei vários cursos de formação. Nas áreas de segurança marítima, relativamente a cargas, produtos químicos, tirei vários cursos, de estiva.”,
(entrevista 2)

Esta circunstância revela que estes adultos se preocuparam em adquirir competências através da via não formal, após a sua saída da escola que ocorreu por fatores extrínsecos aos mesmos e precocemente. Segundo os adultos estas ações de formação tiveram um grande impacto nas suas vidas, porque permitiram a aquisição de novas competências que os possibilitaram melhorar o seu desempenho profissional.

Relativamente à questão “Ao longo da sua vida participou em atividades de ocupação de tempos livres, de associativismo, de cidadania, culturais ou políticas, outros domínios de participação de vida informal?”, três dos entrevistados, tinham e sempre tiveram uma participação muito ativa em várias áreas, no caso das atividades política, associativa, cultural, voluntariado e cidadania, como se pode observar de seguida:

“Fui quatro anos presidente da associação desportiva aqui do (...) fui quatro anos presidente da junta. Agora ultimamente sou presidente da assembleia de freguesia. Sempre tive em coisas dessas, fui dirigente sindical, foi delegado sindical, foi, estive sempre metido. Sou, faço parte de uma cooperativa em Lisboa, que é uma cooperativa que está inativa atualmente mas tem lá o sindicato a funcionar, tem vários

apartamentos alugados e tem um restaurante. Ainda pertenço à direção dessa cooperativa. Estive sempre envolvido em coisas dessas.” (entrevista 2)

“... fui Presidente da Associação durante três anos (...)”, “E há oito anos que faço parte aqui do Grupo de Teatro aqui pronto, estou à frente do grupo já há oito anos, agora estamos um bocadinho parados, estamos a ensaiar,(...)”. “...faço parte aqui do grupo aqui na Junta, não na lista, mas sim faço parte. E fiz 2 ou 3 anos, a festa da freguesia, organizei uns concertos de música clássica ali na Igreja, com piano, violino. Também, às vezes fazemos umas feiras de artesanato ali no largo da Igreja, praticamente essas coisas que não dão dinheiro, só se gasta dinheiro, mas que são interessantes.” (entrevista 4)

Estas afirmações acerca da participação em várias atividades e com consequentemente com aquisição de competências através da via não formal e informal, vão de encontro o que Canário (2006, pág. 48) afirma defende a educação enquanto formação integral do homem, não sendo esta apenas produto da escola e do sistema escolar. Esta processa-se ao longo da vida do adulto de uma forma permanente, aquando da interação do sujeito com o meio envolvente, com as situações vivenciadas, e consequentemente, resultantes das aprendizagens que nos remete para a educação não formal e educação informal que foi referenciada através das duas primeiras questões.

A resposta à pergunta: “Considera que o RVC lhe permitiu valorizar os conhecimentos e capacidades que desenvolveu ao longo da vida?” foi aquela que, como já referi anteriormente, suscitou mais dificuldades, uma vez que nas suas respostas os adultos falaram primeiramente nas aprendizagens adquiridas ao longo do processo de RVC e só posteriormente, quando questionados novamente, referiam a valorização de conhecimentos adquiridos noutros contextos, embora nem sempre fosse claro quais:

“Valorizar é o que aprendi, aprendi bastante coisa, foi um relembrar, há certas coisas que foi um relembrar (...) Outras foi o aprender (...) Coisas que dei na escola e dei aqui. É assim, eu para mim, foi matemática mesmo, até havia coisas que eu achava que não achava que nem consegui fazer e que a matemática não é saber é o perceber e eu aprendi isso. (entrevista 1)

“Em todas as áreas. Ao longo da vida, a matemática, a cidadania foi enriquecendo, pronto que era preciso, não, foi muito bom (...) A área mais fácil foi a área da matemática, das contas para mim foi a mais fácil de entender, porque eu trabalho com

isso quase todos os dias, foi a parte mais fácil para mim e que eu gosto muito.
(entrevista 3)

Na mesma linha Lima e Guimarães (2012, p. 83) no seu estudo, devido às orientações sugeridas pela ANQ, afirmam que por vezes era difícil para os adultos através das atividades desenvolvidas durante o processo RVC, entenderem-nas como algo que espelhasse efetivamente a aquisição de competências ao longo da sua vida.

3.3.2. Valorização do aprender a aprender

Podemos perceber que os adultos continuam a querer melhorar as suas competências, uma vez que na resposta à questão: “Desde que concluiu o processo RVC, procurou frequentar ações de formação contínua?”, todos responderam que estavam inscritos para frequentar algum tipo de formação, sendo que dois estavam a frequentar ações de formação no momento das entrevistas.

“Não, estou inscrita agora aqui na Junta....” (entrevista 1)

“Estou agora a frequentar o CCP (Curso de Competências Pedagógicas), antes era CAP e foi chamada para o Inglês. Elas aqui disseram-me que ia começar, mas não me disseram data e eu precisava dos dois. Mas Inglês não está fora de questão, que um dia destes ainda.” (entrevista 4)

Como é referenciado no trabalho de Salgado (2011, p. 123), acerca dos efeitos dos Centros Novas Oportunidades nas competências educativas das famílias, a maioria dos adultos que terminou o processo de RVCC de nível básico, demonstrou ter vontade de dar continuidade ao processo educativo ou já se encontravam a realizar ações de formação. Os dados desse mesmo trabalho sugeriam que estes adultos percecionaram o processo de RVC como um fator de motivação para o delineamento de novos projetos de vida, que passavam pela escolaridade, atribuindo-lhes maior importância e desenvolvendo interesse pelos estudos.

Lima e Guimarães (2012, p. 100) concluíram igualmente que os adultos certificados pelo processo RVC adquiriram a vontade de aprender mais. Este novo gosto pela aprendizagem, acarreta uma aparente reconciliação com o sistema escolar.

A questão número seis: “Desde que concluiu o processo procurou melhorar as suas qualificações escolares e profissionais?” suscitou respostas muito semelhantes às anteriores, sendo que todos os adultos demonstraram que gostariam de melhorar as suas qualificações escolares. Contudo, até ao momento da entrevista ainda nenhum deles se tinha inscrito para continuar o seu percurso escolar, tendo um adulto inclusive demonstrado que, nesse momento não existia essa possibilidade devido à situação da educação de adultos em Portugal, vivida desde março de 2013, quando os CNO encerraram. A este propósito dois dos entrevistados disseram o seguinte:

“É assim, eu falei logo na altura, eu gostava muito de fazer o 12º ano e tirar para poder estar com crianças.” (entrevista 1)

“Não me inscrevi, porque não me apareceu nada, acho que está tudo parado, não se sabe.” “Gostaria, pois com certeza, se tiver a oportunidade de tirar o 12º ano quero tirar, penso que ainda vou cá estar mais uns anos e nunca é demais saber mais um bocadinho.” (entrevista 2)

Como já havia sido concluído por Carneiro (2010, p. 62), a capacidade de “aprender a aprender” foi uma aquisição importante do processo RVC referida pelos entrevistados. O que evidencia que o processo de RVC possibilita a tomada de consciência da importância que tem a aprendizagem ao longo da vida, provocando nos adultos o gosto pela aquisição de conhecimentos e competências.

Relativamente, à questão: “Sente que, após o processo de RVC, participa mais ativamente em atividades desportivas, políticas, sociais, voluntariado, culturais, associativas e escolares, entre outras?”, a resposta foi clara: os inquiridos não registaram mudanças relevantes, porque a maioria dos entrevistados já era bastante interventiva em termos de associativismo e de atividades de cidadania:

“Por enquanto ainda não...” (entrevista 1)

“Não mudou nada” (entrevista 4)

Neste sentido, verifica-se que estes adultos ao longo da sua vida tinham participado ativamente em atividades culturais, recreativas, de voluntariado, de cidadania que lhe permitiram adquirir competências importantes fora do seu âmbito escolar. Como defendido por Carneiro (2010, p.12) a Iniciativa Novas Oportunidades surgiu como um novo modelo de oferta educativa, desenhado para reconhecer as competências adquiridas por via não formal e informal e para oferecer os complementos de formação indispensáveis para uma certificação formal de qualificações básicas ou secundárias e profissionais, mas não favoreceu a inserção dos adultos em novos contextos sociais e culturais.

3.3.3. Aprendizagens adquiridas

Foi colocada a seguinte questão aos entrevistados: “Desde que concluiu o processo RVC, considera que adquiriu conhecimentos e desenvolveu capacidades novas? Em que domínio (saber ser, saber fazer e saber estar: ser capaz de interpretar informação, ler documentos, deslocar-se as instituições públicas, ler instruções de eletrodomésticos, modificar as suas capacidades a nível laboral, mais responsabilidade e autonomia, melhorar o raciocínio numérico, ao nível da informática, melhorar a escrita e os hábitos de leitura, entre outras....).” Nas respostas dadas, foi possível verificar que todos os entrevistados falaram essencialmente das aquisições adquiridas na área de competência-chave Matemática para a Vida, como se observa de seguida:

“Não tinha dificuldade nessa área.” (linguagem e comunicação) (...) Faço igual, na parte da expedição aquilo que faço era o que já fazia. (termos profissionais), O raciocínio numérico melhorou.” (entrevista 1)

“De matemática(...) Aprende-se mais qualquer coisa que nós não tínhamos, na área da matemática.” (entrevista 2)

É importante referir mais uma vez que os inquiridos, em simultâneo com o processo RVC, frequentaram Formação Modular na área de MV de cinquenta horas, tendo por isso oportunidade de aprender e consolidar competências nesta área. É curioso que a Matemática para a Vida é a área de competência-chave percecionada como mais escolarizada na vertente dos técnicos que trabalham na formação de adultos. Talvez por essa razão, os adultos que frequentam o processo de RVC inicialmente tiveram dificuldade em perceber como é que a área de MV poderia ser valorizada e reconhecida aquando de um processo de reconhecimento de adquiridos. Adicionalmente, essas aprendizagens foram muito valorizados pelos entrevistados

Nesta linha de ideias, também Carneiro (2010, p. 62) afirma que os adultos que participaram nas Novas Oportunidades após a conclusão do processo de RVC, revelavam ser mais competentes face às competências-chave dos referenciais em vigor, quer para o ensino básico quer para o nível secundário.

De modo a compreender quais as aprendizagens adquiridas durante a frequência do processo de RVC, foi colocada a questão: “Após a conclusão do processo RVC, acha que tem aprendido coisas novas? Quais foram essas aprendizagens e em que domínio?” Aqui, os adultos salientaram a matemática, a informática e o relacionamento interpessoal.

“Aprendi, o que eu noto mais, foi na matemática.” (entrevista 1)

“Informática e essa questão da Cidadania, que foi das coisas que eu gostei mais também.”, (entrevista 2)

“Aprendi, aprendi, foi como lhe tinha dito, aprendi a nível de mexer na parte da informática. Foi bom, porque essa da informática estava mais ligada à minha esposa, na parte do escritório, e havia certos processos que eu não sabia entrar no computador. Aprendi.”, (entrevista 3)

“O que é que eu aprendi? Aprendi a ser mais..., não lhe sei explicar. Eu aprendi, pelo menos a estar, aprender em grupo, a estar em grupo.” (entrevista 4)

Seguindo o mesmo raciocínio Carneiro (2010, p. 34) conclui no seu estudo que os adultos certificados pelo nível básico demonstravam progressos significativos ao nível das “e-competências”, “aprender a aprender” e literacia.

As competências desenvolvidas parecem ser responsáveis por alterações significativas no dia-a-dia dos adultos perdurando para além da certificação.

Ainda relacionado com esta temática, à questão “As aprendizagens e competências adquiridas são úteis no seu dia-a-dia? Em que medida?”, os inquiridos foram consensuais em referir que tinham sido úteis, tanto em situações banais do quotidiano como na culinária, no apoio aos filhos nas temáticas escolares e na vida profissional:

“No meu dia-a-dia, sim (...) Até para fazer uma receita, um bolo, seja aquilo que for a regra dos três simples, é do mais fácil que há, e eu não sabia desconhecia. Foi essencial, e também não foi só isso, mais coisas, mesmo com as miúdas na escola. Elas mostram-me e eu digo: dei isto no rvcc e relembro e consigo explicar.” (entrevista 1)

“Acho que sim, a minha filha faz-me algumas perguntas e eu já lhe sei responder. Ela anda no 12º ano, se calhar por aí. Claro que não tenho a facilidade de aprendizagem que ela tem, mas se eu pensar um bocadinho, sou capaz de responder e antes não era. (entrevista 4)

Como conclui Carneiro (2010, p. 80), ocorreram ganhos de motivação/satisfação dos adultos envolvidos no processo de RVC e também ganhos em competências-chave. Além disso, o reforço da motivação para “continuar a estudar” e da autoconfiança nas capacidades pessoais para chegar mais longe na conquista de qualificações avançadas representam um benefício muito relevante para os adultos que concluíram o processo de RVC.

Na questão “Em sua opinião, o que foi mais importante quer em termos positivos como negativos, para si no período em que frequentou o processo RVC?”, no geral os entrevistados consideraram que foi importante a participação:

“É assim, eu acho que foi tudo importante (...) Acho que sim, tudo foi importante, no conjunto.” (entrevista 1)

“O mais importante foi concluir o processo, concluir o 9º ano, foi muito importante para mim. Depois a formação que me deram foi muito útil para mim. Aprendi mais qualquer

coisa, que eu não sabia, a nível da informática, da matemática, da cidadania.”
(entrevista 3)

Neste sentido, Carneiro (2010, p. 51), afirma que os principais ganhos detetados nos adultos que concluíram o processo de RVC relacionam-se com um incremento da cultura geral, a vontade continuar a estudar, o sentido de segurança perante a vida e as competências sociais. Por outro lado a melhoria da capacidade conjugal, parentalidade, acompanhamento dos filhos e cidadania que também deve ser denotada.

De forma unânime, os inquiridos não identificaram nenhum aspeto negativo relativamente ao processo RVC. A título de exemplo, apresentam-se dois trechos de entrevista a este propósito:

“Nada, não tenho nada a apontar.” (entrevista 1)

“Negativo, acho que não tenho nada de negativo, eu não sou uma pessoa nada negativa, eu gosto das coisas, não houve nada negativo.” (entrevista 4)

Relativamente à questão “Quais as mudanças que daí ocorreram na sua vida?”, quase todos os inquiridos referiram que estas não se tinham ainda verificado. Mas mesmo assim os inquiridos não deixaram de valorizar o processo de RVC:

“No meu caso, o melhor que eu aproveitei foi o papel porque, se eu quiser trabalhar em qualquer lado, aquilo serve-me para me valorizar (...) A matemática foi muito importante, o TIC também, porque hoje quem não souber mexer num computador é analfabeto” (entrevista 2)

“Faço um balanço muito positivo (...) Dantes era uma pessoa com a 4ª classe e agora sou uma pessoa com o 9º ano (...) Em termos pessoais, sinto-me bem por aos 51 anos ter conseguido fazer.” (entrevista 4)

Também Carneiro (2010, p. 12), afirma que a generalidade dos adultos certificados pelo processo de RVC regista altos graus de satisfação com o processo, mas nota-se avanços inequívocos no plano das competências-chave detidas, destacando-se os progressos no à vontade perante os desafios da

sociedade da informação, o que não foi afirmado pelos entrevistados deste estudo.

Para concluir podemos afirmar que efetivamente os inquiridos como já havia sido referenciado por Lima e Guimarães (2012, p. 101) deixaram a escola precocemente após a conclusão da escolaridade obrigatória. O certificado escolar que detinham encontrava-se desvalorizado, mas as transformações sociais e económicas das últimas décadas obrigavam ao desenvolvimento de saberes e competências que estes adultos não possuíam, o que forçou os inquiridos a frequentarem outros percursos educativos e formativos. Além disso os adultos com atividade associativa, política e de voluntariado dinâmica, adquiriram inúmeras competências pela via informal.

Em consonância com Carneiro (2010, p. 42), neste trabalho empírico podemos afirmar que a experiência educativa enriquecedora que os adultos que frequentaram o processo de RVC usufruíram e valorizam, constitui um inequívoco ganho motivacional para a aprendizagem ao longo da vida.

Uma das importantes constatações de Lima e Guimarães (2012, p. 95), foi o fato de todos os inquiridos terem afirmado que para além do reconhecimento de adquiridos experienciais, os adultos tinham após a conclusão do processo RVC adquirido novas competências. As novas competências variavam em função das “lacunas” que os adultos reconheciam ter, bem como em função dos domínios em que tinham ganho o gosto pela aprendizagem. Também neste meu trabalho empírico todos os adultos valorizaram a aquisição de conhecimentos após o *terminus* do processo de RVC.

Um dos problemas detetados foi a dificuldade dos adultos que concluíram o processo RVC tinham ao nível da consciência das competências que lhes foram reconhecidas durante esta oferta de qualificação. Uma vez que quando questionados como é que o processo RVC lhes permitiu valorizar os conhecimentos e capacidades que desenvolveu ao longo da vida, os entrevistados não conseguiram identificar quais as competências que lhes tinham sido validadas.

Nesse sentido, considero importante conceber e desenvolver uma atividade que possa abordar a temática do reconhecimento dos adquiridos experiencias. Esta será a proposta que tratarei no capítulo seguinte.

“A Educação não é a preparação para a Vida. A Educação é a própria Vida.

As escolas são, de facto, um método importante de transmissão, formando as predisposições de pessoas imaturas; mas são apenas um dos meios e, comparadas com outras agências, um meio relativamente superficial”.

John Dewey (1859-1952)

IV – TRABALHO PROJETO

Face ao trabalho empírico desenvolvido e apresentado anteriormente e à minha narrativa autobiográfica em que procurei refletir sobre como me tornei na formadora de adultos que sou hoje, foram surgindo preocupações, constrangimentos, dificuldades e dilemas acerca da temática da educação e formação de adultos, designadamente a falta de consciência dos adultos em relação aos adquiridos experienciais. De forma a tentar colmatar o facto de os adultos que frequentaram o processo RVC não conseguirem identificar os contextos onde adquiriram aprendizagens e competências, neste capítulo irei propor um projeto de formação, que como nos transmite Barbier (1993, p. 47) supõe a existência de um desejo de produção de uma mudança, que será precisamente a consciencialização dos adultos acerca das dimensões da aprendizagem: formal, não formal e informal.

Este projeto terá como público-alvo os adultos que foram adquirindo competências ao longo da sua vida, e que demonstrem capacidade de reflexão e discussão acerca desta temática.

De modo a dinamizar a consciencialização das competências adquiridas ao longo da vida pessoal, social e profissional dos adultos proponho a implementação de um *Workshop*, porque este tipo de metodologia é centrada no adulto, permitindo que o sujeito em parceria com o formador e através dos exercícios desenvolvidos consiga despoletar a capacidade para partilhar, refletir, discutir e analisar, ao contrário do que normalmente acontece nas ações de cariz mais escolar em que a abordagem se centra nos conteúdos que são abordados.

Como afirma Freire (1970, p. 34) “ Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe aquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser “experiência feita” para ser da experiência narrada e transmitida.

Este Workshop será dinamizado por pessoas que como eu possuem alguma experiência profissional no âmbito do processo de RVC e poderá ser frequentado por oito a dez adultos. Terá três sessões de formação, sendo que cada sessão terá a duração de três horas, nas quais se pretende que os adultos consigam através de determinadas dinâmicas desenvolvidas possam tomar consciência das aprendizagens que foram adquirindo ao longo da sua vida.

A opção por uma metodologia de grupo e não individual, como afirmou Barbier (1993, p. 186), permite obter soluções inéditas, porque as técnicas de grupo possibilitam a reunião entre pessoas diferentes entre si o que facilitará o *transfer* das representações individuais.

A primeira sessão do Workshop, deverá ser centrada em cada um dos adultos, procurando que individualmente cada um dos formandos partilhe no grupo as suas experiências de vida nos vários contextos (pessoal, social e profissional) e as aprendizagens formais, não formais e informais que daí decorreram.

Na segunda sessão, centrar-nos-emos nas biografias dos formandos, procurar-se-á que os adultos identifiquem os incidentes críticos/ruturas durante as quais adquiriram competências ao longo da sua vida.

Por fim, para concluir, na última sessão, os adultos irão refletir acerca do modo como ocorreram as aprendizagens e a aquisição de competências, procurando identificar a importância do aprender a aprender.

Será também indispensável que no final da terceira sessão os adultos possam fazer a sua autoavaliação respondendo à seguinte questão. “Em que contextos consegui desenvolver aprendizagens e adquirir competências?”, para que possam assim tomar consciência de que efetivamente existem vários domínios no que se refere á aquisição de conhecimentos. Poderá igualmente permitir a identificação das aprendizagens que ocorreram a nível formal, não formal e informal.

Através desta proposta de Workshop pretende-se ainda promover a capacidade de aprender a aprender. A este propósito a Comissão Europeia afirma que :

“Aprender a aprender é a capacidade de iniciar e prosseguir uma aprendizagem, de organizar a sua própria aprendizagem, inclusive através de uma gestão eficaz do tempo e da informação, tanto individualmente como em grupo.(....) Aprender a aprender obriga os aprendentes a apoiarem-se nas experiências de vida e de aprendizagem anteriores a fim de aplicarem os novos conhecimentos e aptidões em contextos variados – em casa, no trabalho, na educação e na formação. A motivação e a confiança são elementos fundamentais para a aquisição desta competência” (Comissão Europeia, 2006, p. 16).

Considerações Finais

O objetivo principal para frequentar este mestrado, e particularmente a elaboração do presente trabalho, era aprofundar os meus conhecimentos ligados à área da Educação e Formação de Jovens e Adultos Pouco Escolarizados, por considerar que o desempenho de funções neste domínio exige um constante conhecimento e uma renovação do saber sistemática.

O caminho que percorri até à concretização deste projeto representou, a nível pessoal e profissional, um enorme amadurecimento científico e um «balanço de competências», à imagem dos processos de reconhecimento de adquiridos em que colaborei.

Neste sentido, os capítulos que constituem o meu trabalho de projeto, possibilitaram, por um lado, uma incursão no meu trajeto académico, formativo e profissional, um percurso importante para que eu pudesse posicionar-me e identificar-me no campo da educação e formação de adultos. Foi indispensável perceber como me formei, o que já experienciei e como me tornei na formadora de adultos que sou hoje.

A construção da minha narrativa biográfica desencadeou uma reflexão fundamental para a concretização da parte seguinte do meu trabalho, ao analisar as minhas experiências, pude tomar consciência da formadora que sou em resultado das minhas práticas profissionais, influenciadas por todos aqueles com quem trabalhei e pelas instituições em que estive integrada.

Além disso, o meu percurso académico foi imprescindível para que me tornasse a formadora de adultos que sou hoje, e a frequência do Curso de Formação Pedagógicas de Formadores, permitiu que pudesse adquirir competências de modo formal e não formal que considero imprescindíveis para o desenvolvimento desta minha função.

Na segunda parte do presente estudo, relacionada com a fundamentação teórica, era importante uma contextualização face ao campo da EFA. Por

consequente, o trabalho de pesquisa que realizei para a execução desta tarefa, permitiu-me compreender o meu papel enquanto educadora e formadora de adultos. Entender a génese da educação e formação de adultos em Portugal, foi decisivo para aprender o caminho percorrido até à atualidade. Os conhecimentos adquiridos acerca da importância da educação formal, não formal e informal, da aprendizagem e da experiência e do reconhecimento de adquiridos experienciais no que se refere à educação e formação de adultos, permitiu criar um novo leque de conhecimentos relevantes para um desempenho profissional mais realista, informado e consistente.

Ao longo do meu percurso profissional, vários foram os contextos em que tive a oportunidade de desenvolver experiências ligadas à educação e formação de adultos, fosse em contextos formais, não formais ou informais. Dei os primeiros passos para um conhecimento prático, através da experiência versus ação, realizado por tentativa-erro bem como por imitação em muitos dos casos, conforme afirma Cavaco (2002, p. 113), ao referir-se às várias formas de aprendizagem. Noutros momentos, aprendi a partir de um trabalho em equipa, multidisciplinar, que enriqueceu as minhas aptidões e competências enquanto formadora de adultos.

O trabalho empírico que realizei concentrou-se em apurar qual a importância da educação informal e não formal (bem como formal) na aprendizagem dos adultos e ainda em que medida o processo de RVC permite a valorização da educação formal, informal e não formal.

Da análise efetuada a partir dos dados recolhidos através das entrevistas realizadas concluí que efetivamente em todas as circunstâncias da vida e das nossas experiências no dia-a-dia, seja no âmbito pessoal, social como profissional conseguimos elaborar, refletir e adquirir competências que se vão tornando úteis nos mais variados contextos. Nesta linha de ideias Josso (2002, p. 184), afirma que devemos perceber que aprender não é aprender conteúdos, mas descobrir novos meios de pensar e fazer diferente, aprender é procurar aquilo que poderá ser modo diferente.

Durante esta minha experiência como formadora de adultos tive a oportunidade de refletir sobre o meu desempenho profissional, efetuar um balanço dos pontos fortes e fracos, e evoluir com eles. Ao longo do tempo muitos foram os ajustes, necessidades de adaptação e melhoramento quanto a domínios do saber: saber-ser e saber-fazer, próprios da inexperiência e do desconhecimento profissional inicial. A necessidade de evolução é constante e tem de acompanhar as mutações do campo profissional e social. Assumem portanto uma natureza inacabada, da qual eu e muitos outros formadores de adultos faremos parte. No que me toca, espero poder contribuir para deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrei, através deste trabalho ao nível da educação e formação de jovens e adultos em Portugal.

No quarto capítulo propus um *Workshop*, que tem como objetivo procurar colmatar dificuldades e dilemas com que me foi deparando ao longo da construção deste meu trabalho de mestrado. Um dos meus constrangimentos que deu origem a este trabalho projeto levou-me a querer entender porque é que os adultos não possuíam uma consciência clara da valorização dos seus conhecimentos através do processo de RVC, sendo que esta situação revela-se intrigante, surpreendente e curiosa e levanta dúvidas acerca do processo e da clareza com que foi desenvolvido efetivamente o reconhecimento de adquiridos experienciais.

Na verdade, esta proposta de *Workshop* vem de encontro com a Recomendação n.º 3/2013 do Conselho Nacional de Educação que nos diz que todo o processo de educação e formação — sobretudo quando se trata de adultos — deve estar centrado no sujeito, que este deve apropriar-se do seu itinerário formativo, refletindo sobre as suas práticas, mas tendo, também, em consideração as relações que estabelece com os outros e com o contexto em que se insere. Quer isto dizer que a formação deve, para além da informação, investir fortemente no “aprender a aprender” preparando as pessoas para intervir em todas as dimensões da vida em sociedade: a família, o trabalho, a comunidade, o lazer. A tarefa dos processos formativos não se pode limitar, portanto, a fornecer informação antes deve proporcionar aos indivíduos os

instrumentos para melhor selecionarem e tratarem essa informação de forma crítica, de modo a transformá-la em conhecimento.

Nesta linha de ideias Luís Rothes (2012, p. 154) refere a propósito do estudo de Lima e Guimarães sobre adultos que concluíram o processo de RVC que a maioria dos inquiridos revela o desejo de voltar a estudar. Este desejo advém da consciência de que no contexto social atual no qual se privilegia a cultura escrita, existem repercussões penalizantes para aqueles que apresentam défices escolares ao nível dos seus nos percursos pessoais e profissionais.

Foi demonstrado, tal como nos estudos de Carneiro (2010) e Salgado (2011), que os adultos que frequentaram processos de reconhecimento e validação de competências valorizam quer a educação formal, não formal e informal, tal como pretendem continuar a investir na aprendizagem, procurando por isso aumentar as suas qualificações escolares, frequentando ações de formação e continuando com membros ativos nas várias associações das comunidades onde se encontram inseridos.

Pelo anteriormente referenciado, é necessário que continuamente seja possível a construção de uma sociedade educativa como nos transmite Cavaco (2009, p. 95) em que os indivíduos vivam de forma permanente situações que lhes permitam “aprender a ser”. Este passo, é um imperativo da civilização.

Durante este meu trabalho, como já foi referenciado foi interessante verificar que os adultos conseguiram mais facilmente renomear as aprendizagens adquiridas do que o reconhecimento das competências adquiridas, o que poderá evidenciar ainda alguma valorização por parte do adultos do sistema formal em detrimento dos adquiridos experienciais.

A este propósito seria importante que pudesse ser veiculado pelos meios de comunicação social e de um modo simples e adequado aos mais diversos públicos as pesquisas e conclusões dos estudos que se centram sobre esta temática da aprendizagem *versus* experiência e da aquisição de competências por via experiencial.

Porque como defende Freire (1996, p. 27) “...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Pessoalmente, entendo que o investimento da educação e formação seja de crianças, jovens e adultos deverá ser sempre um campo a apostar na nossa sociedade, com vista a colmatar as injustiças sociais que se verificam nestes tempos, porque este investimento terá com certeza reflexos no desenvolvimento económico, social e político de Portugal e no bem-estar dos seus cidadãos.

Como afirma Lima (2007, p. 72), em Portugal ocorreu ao longo dos anos heterogeneidade e pluralidade na educação de adultos que nunca integraram práticas públicas globais; pelo contrário foram orientações segmentadas e heterogéneas geralmente de curto prazo, o que de alguma forma reflete a nossa situação atual. Uma vez que desde o encerramento dos CNO em março de 2013 e sem a efetiva implementação dos Centros para a Qualificação e o Ensino Profissional a educação e formação de adultos entrou mais uma vez num período de rutura. Resta-nos aguardar serenamente o que nos espera o futuro, aguardando que os nossos decisores tenham consciência de que Portugal ainda tem um longo caminho a percorrer ao nível da EFA, sendo por isso uma prioridade de investimento nesta área para que o nosso país se possa desenvolver de uma forma sustentada e com igualdade social.

Pois como Lima defende (2007, p. 98) a educação é um fator imprescindível ao desenvolvimento humano e social e à modernização económica ainda que isoladamente não possa seja a garantia do mesmo, sendo ainda um poderoso fator de integração e transformação social.

Referências Bibliográficas

BARDIER, J. (1993). *Elaboração de Projetos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora, Lda.

CANÁRIO, R. (2000). *Educação de adultos – um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

CANÁRIO, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In Conselho Nacional de Educação, *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp. 207-267.

CANÁRIO, R., CABRITO, B. e CAVACO, C. (2008) Administração Local e Formação de Formadores. In Canário, R. e Cabrito, B. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 127-158.

CARNEIRO, R. (coord.) (2010). *Iniciativa Novas Oportunidades: Resultados da Avaliação Externa (2009-2010)*. Lisboa: ANQ, IP.

CAVACO, C. (2002). *Aprender Fora da Escola – Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: EDUCA.

CAVACO, C. (2009). *Adultos Pouco Escolarizados. Políticas e Práticas de Formação*. Lisboa: Educa e UI&DCE.

FINGER, M. (2008). A educação de adultos e o futuro da sociedade. In Canário, R. e Cabrito, B. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 15-31.

FREIRE, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

FREIRE, P. (1981). *A Importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

GHIGLIONE, R. E MATALON, B. (1993). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta.

GUIMARÃES, P. (2011). *Políticas de Educação em Portugal (1999-2006) – A Emergência da Educação e Formação para a Competitividade*. Braga Universidade do Minho: Instituto de Educação.

JOSSO, M. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: EDUCA.

JOSSO, M. (2008). Formação de adultos: aprender a viver e a gerir as mudanças In Canário, R. e Cabrito, B. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 115-126

LIMA, L. (2007). *Educação ao Longo da Vida: entre a Mão Direita e a Mão Esquerda de Miró*. São Paulo: Cortez Editora.

LIMA, L. (2008). A educação de adultos em Portugal (1974-2004) Canário, R. e Cabrito, B. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 31-60

LIMA, L. e GUIMARÃES, P. (2012). *Percursos Educativos e Vidas dos Adultos*. Braga. Universidade do Minho: Unidade de Educação de Adultos.

ROTHES, L. (2012). O Direito dos Adultos à Educação e as Resistências Meritocráticas In *Percursos Educativos e Vidas dos Adultos*. Braga. Universidade do Minho: Unidade de Educação de Adultos, pp.143-159

SALGADO, L. (coord.) (2011). *O Aumento das Competências Educativas das Famílias – Um Efeito dos Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: ANQ, IP.

TURIM – Ensino do Centro de Organização Internacional do Trabalho (2006). *Formar Pedagogicamente – A Autoscopia na Formação*. Loures: Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Outros Documentos

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Recomendação n.º 3/2013: Recomendação sobre Políticas Públicas de Educação e Formação de Adultos - Diário da República, 2.ª série — N.º 95 — 17 de maio de 2013

COMISSÃO EUROPEIA. (2006). Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho de 18 de Dezembro de 2006 sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida. (2006/962/CE). Bruxelas: Jornal Oficial da União Europeia.

PORTARIA 230/2008 DE 7 DE MARÇO – Diário da República, 1.ª série – Nº 48 – 07 de Março de 2008

Sites Consultados

<http://www.citador.pt/frases/nao-se-pode-ensinar-coisa-alguma-a-alguem-podes-galileo-galilei-6406>

<http://pensarafamilia.blogspot.pt/2012/07/normal-0-21-false-false-false-pt-zh-tw.html>

<https://www.facebook.com/direitodeaprender?fref=ts>

ANEXO 1

Guião de entrevista aos adultos

1. Após a sua saída da escola, frequentou algum tipo de ensino (seja formal ou não formal)? Quais e em que domínio?
2. Ao longo da sua vida participou em atividades de ocupação de tempos livres, de associativismo, de cidadania, culturais ou políticas, outros domínios de participação de vida informal?
3. Considera que o RVC lhe permitiu valorizar os conhecimentos e capacidades que desenvolveu ao longo da vida?
4. Desde que concluiu o processo RVC, procurou frequentar ações de formação contínua?
5. Desde que concluiu o processo procurou melhorar as suas qualificações escolares e profissionais?
6. Sente que, após o processo de RVC, participa mais ativamente em atividades desportivas, políticas, sociais, voluntariado, culturais, associativas e escolares, entre outras?
7. Desde que concluiu o processo RVC, considera que adquiriu conhecimentos e desenvolveu capacidades novas? Em que domínio (saber ser, saber fazer e saber estar: ser capaz de interpretar informação, ler documentos, deslocar-se as instituições públicas, ler instruções de eletrodomésticos, modificar as suas capacidades a nível laboral, mais responsabilidade e autonomia, melhorar o raciocínio numérico, ao nível da informática, melhorar a escrita e os hábitos de leitura, entre outras....).
8. Após a conclusão do processo RVC, acha que tem aprendido coisas novas? Quais foram essas aprendizagens e em que domínio?
9. As aprendizagens e competências adquiridas são úteis no seu dia-a-dia? Em que medida?
10. Em sua opinião, o que foi mais importante quer em termos positivos como negativos, para si no período em que frequentou o processo RVC?
11. E quais as mudanças que daí ocorreram na sua vida?

ANEXO 2

Dados pessoais do entrevistado (E1)

Sexo: feminino

Residência: Painho – Cadaval

Idade: 36 anos

Função exercida: trabalha na expedição de uma central fruteira há cerca de 14 anos

Habilitações académicas antes do processo RVC: 2º ciclo do ensino básico

Habilitações atuais: 3º ciclo do ensino básico

Transcrição da entrevista (E1)

Entrevistadora: Após ter saído da escola, frequentou algum tipo de ensino formal ou não formal e em que áreas? Depois de ter saído da escola do 6º ano, que tipos de ações de formação é que frequentou? **(1ª pergunta)**

Entrevistada: Sim, frequentei alguns cursos.

Entrevistadora: Que tipos de cursos?

Entrevistada: Fiz de máquinas agrícolas, fiz de vitivinicultura.

Entrevistadora: E isso mais ou menos quanto tempo depois de ter saído da escola?

Entrevistada: Eu tinha 21 anos, foi algum tempo, dos 14 aos 21 foi algum tempo. E depois conclui o 9º ano este ano que passou.

Entrevistadora: Tirou então um curso de máquinas agrícolas e um de vitivinicultura, foram cursos, ações de formação de curta duração, poucas horas?

Entrevistada: Foi, foi, foi tanto um como outro foi.

Entrevistadora: E tirou esses cursos porque tinha a ver com a sua atividade profissional?

Entrevistada: Na altura não estava a trabalhar, o meu pai era agricultor e o meu pai naquela altura tinha sido operado e eu tive essa oportunidade e foi útil porque cheguei a ajudá-lo mesmo com o trator nas vinhas.

Entrevistadora: Ainda conserva esses ensinamentos?

Entrevistada: Agora já não.

Entrevistadora: Mas conserva os ensinamentos que foi adquirindo?

Entrevistada: Sim, sim, mas não, a minha atividade não tem a ver, mas foi útil na altura e foi conhecimento que eu adquiri.

Entrevistadora: Ao longo da sua vida, tem participado em atividade de tempos livres, fez parte de algum grupo de teatro, tocou algum instrumento musical? **(2ª pergunta)**

Entrevistada: É assim, a única coisa que eu participava, agora também já não era, porque já acabou era nos Ranchos. Já acabou, e agora há falta de tempo.

Entrevistadora: Participou num rancho, foi? Dançou?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Durante quanto tempo?

Entrevistada: Ai uns três anos, foi até ele acabar.

Entrevistadora: Dançava, não tocava?

Entrevistada: Não, nunca toquei instrumentos, não é coisa que me cativasse instrumentos.

Entrevistadora: Alguma vez participou nalgum tipo de associação? (2ª pergunta)

Entrevistada: Também não.

Entrevistadora: E voluntariado?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Em termos políticos, alguma vez fez parte de alguma lista?

Entrevistada: Não, fui convidada este ano para ser, mas não quis.

Entrevistadora: E, porquê, já agora?

Entrevistada: Política, não me diz nada.

Entrevistadora: Acha, acabou por dizer pelo dizer que fez o 9º ano pelo processo de RVC, acha que a passagem pelo processo de RVC permitiu valorizar os conhecimentos que foi adquirindo ao longo da vida? (3ª pergunta)

Entrevistada: Valorizar e o que aprendi, aprendi bastante coisa, foi um relembrar, há certas coisas que foi um relembrar.

Entrevistadora: Nomeadamente o quê?

Entrevistada: Outras foi o aprender. Coisas que dei na escola e dei aqui.

Entrevistadora: Relembrar em que áreas?

Entrevistada: Matemática, pelo menos

Entrevistadora: O quê, lembra-se de alguma coisa em particular?

Entrevistada: As frações, bastante coisa, até. Houve uma coisa que eu aprendi e que agora ensinei às minhas filhas, o pior é dizer o nome, aquilo achasse muito fácil um valor e a maneira.

Entrevistadora: Equações, isso eu aprendi na escola e agora relembrei.

Entrevistada: Não, aquilo é.

Entrevistadora: Regra de três simples?

Entrevistada: É essa mesmo, é muito útil e eu ensinei agora às minhas filhas.

Entrevistadora: E que tipo de conhecimentos é que acha que sentiu que valorizou que foram adquiridos antes de ter passado pelo processo. Nunca tinha pensado que foi alguma coisa que tinha efetivamente adquirido?

Entrevistada: É assim, não sei, para mim, foi tudo um relembrar, foi o que disse, e um aprender coisas novas e .

Entrevistadora: Houve alguma coisa que a tivesse marcado profundamente, alguma coisa que pensasse assim, realmente isto.

Entrevistada: É assim, eu para mim, foi matemática mesmo, até havia coisas que eu achava que não achava que nem consegui fazer e que a matemática não é saber é o perceber e eu aprendi isso.

Entrevistadora: Depois diz que concluiu o processo em?

Entrevistada: Em 14 de dezembro do ano passado.

Entrevistadora: Já frequentou algum tipo de formação depois de ter terminado o processo? (4ª pergunta)

Entrevistada: Não, estou inscrita agora aqui na Junta, em princípio era para começar no fim de abril, mas ainda não começou, não sei.

Entrevistadora: Para?

Entrevistada: Tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Entrevistadora: E inglês?

Entrevistada: Não, só TIC.

Entrevistadora: E em termos de continuar os seus estudos, ou algum curso, relacionado com a sua atividade profissional. Desde que concluiu o processo, pensou nisso? **(5ª pergunta)**

Entrevistada: É assim, eu falei logo na altura, eu gostava muito de fazer o 12º ano e tirar formação para poder trabalhar com crianças.

Entrevistadora: Conseguir tirar algum tipo de formação nessa área?

Entrevistada: Sim, para crianças.

Entrevistadora: E em termos profissionais, gostaria de mudar de atividade profissional, não trabalha na área das crianças?

Entrevistada: Não, nem tenho hipótese e com o 6º ano que tinha muito menos, e com o 9º ano também não, tenho de ter uma formação.

Entrevistadora: Acha que depois de ter passado por este processo, da sua participação em termos de atividades escolares, desportivas, modificou alguma coisa para melhor, para pior? **(6ª pergunta)**

Entrevistada: Por enquanto ainda não, mas também foi á pouco tempo. Por enquanto, ainda não, mas espero que sim que me venha a ser útil.

Entrevistadora: Desde que conclui o processo que tipo de conhecimento, falou á pouco na matemática, que outro tipo de conhecimentos desenvolveu ou capacidades novas, por exemplo, em termos da linguagem e comunicação, em termos da escrita, sente que melhorou essa área? **(7ª pergunta)**

Entrevistada: Não tinha dificuldade nessa área.

Entrevistadora: Em termos de ler documentação?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Nessas áreas não, em termos profissionais acha que houve alguma mudança?

Entrevistada: Por enquanto ainda não.

Entrevistadora: Não em termos das coisas que faz no seu trabalho, acha que não?

Entrevistada: Faço igual, na parte da expedição aquilo que faço era o que já fazia.

Entrevistadora: O raciocínio numérico, acha que melhorou, falou-me na matemática?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Em termos da informática, acha que houve melhoria, não houve?

Entrevistada: Eu não fiz TIC.

Entrevistadora: Pois, não fez as tecnologias, já tinha conhecimentos?

Entrevistada: Aliás, no meu trabalho, trabalho com.

Entrevistadora: Trabalha diariamente com o computador.

Entrevistada: É.

Entrevistadora: Os hábitos da leitura.

Entrevistada: Mas que aprendi por mim.

Entrevistadora: Os hábitos da leitura, já tinha alguns, tem alguns?

Entrevistada: Não gosto muito de ler, gosto mais de escrever. Mas não sinto dificuldade em ler.

Entrevistadora: Depois do processo de RVCC, acha que aprendeu algo de novo? E em que áreas?

Entrevistada: Aprendi, o que eu noto mais foi na matemática.

Entrevistadora: Aquelas áreas que já me falou, falou-me foi do relembrar.

Entrevistada: Foi um relembrar e um aprender

Entrevistadora: O que aprendeu, a regra de três simples, já sabia ou foi um relembrar?

Entrevistada: Não sabia, aprendi.

Entrevistadora: E que já passou às filhas?

Entrevistada: Já.

Entrevistadora: Em termos do raciocínio, também acha que melhorou, não é?

Entrevistada: Também.

Entrevistadora: O raciocínio numérico.

Entrevistada: Acho que passei a perceber mais a matemática. Porque a matemática acho que tem muito a ver com o perceber, não é o aprender é o perceber.

Entrevistadora: Mais alguma área, alguma coisa, em termos por exemplo da cidadania, de algumas áreas de que falou?

Entrevistada: É sim da cidadania, também aprendi várias coisas, mas não me cativou, sinceramente.

Entrevistadora: O que efetivamente lhe ficou mais, foi esta área da matemática?

Entrevistada: Foi mesmo, gostei muito de matemática, e assim gostei muito de fazer o processo de RVC, mas para mim matemática foi muito bom.

Entrevistadora: Acha que estas aprendizagens que retirou têm sido úteis no seu dia-a-dia? (9ª pergunta)

Entrevistada: No meu dia-a-dia, sim.

Entrevistadora: Em que medida?

Entrevistada: Até para fazer uma receita, um bolo, seja aquilo que for a regra dos três simples, é do mais fácil que há, e eu não sabia desconhecia. Foi essencial, e também não foi só isso, mais coisas, mesmo com as miúdas na escola, elas mostra-me e eu digo dei isto no processo RVC e relembro e consegui-lhes explicar.

Entrevistadora: Mas só na área da matemática, ou noutras áreas, eventualmente?

Entrevistada: O português, também. É assim, as vírgulas, fazer as paragens na leitura e essas coisas, mas eu fui mais para a matemática.

Entrevistadora: E por exemplo, já fazia a reciclagem, foi uma coisa que desenvolveu aqui?

Entrevistada: Eu não faço, porque nós lá não temos os ecopontos para fazer, mas mesmo assim divido o vidro e ponho sempre no vidrão, mas também é uma parte interessante.

Entrevistadora: E em termos de linguagem e comunicação?

Entrevistada: Cartas formais, informais, também não tinha muita noção de uma carta formal ou informal, e que agora tenho, de reclamação também fizemos.

Entrevistadora: O que foi mais importante para si, quer em termos positivos, por um lado, ou em termos negativos durante o processo? Vamos começar pela parte positiva o que é que achas que foi mais importante? **(10ª pergunta)**

Entrevistada: É assim, eu acho que foi tudo importante.

Entrevistadora: Mas houve alguma coisa que para si tenha sido mais positivo, mais importante, estou a pensar na parte da matemática, como já referiu muitas vezes?

Entrevistada: Isso sem dúvida, foi importante, foi tudo positivo.

Entrevistadora: Não há nada de menos positivo, que tenha, alguma coisa que tenha passado?

Entrevistada: Nada, não tenho nada a apontar.

Entrevistadora: E em termos destas mudanças positivas, o que é que acha que de mais significativo ocorreu na sua vida depois de ter passado por este processo? **(11ª pergunta)**

Entrevistada: É assim, como disse isto ainda foi muito recente, fiquei com o 9º ano, acho que para mim é muito bom.

Entrevistadora: Porque é que acha que é muito bom?

Entrevistada: Porque ter o 9º ano, hoje em dia, não se faz nada sem o 9º ano.

Entrevistadora: É uma mais valia?

Entrevistada: Mais valia.

Entrevistadora: E acha que se não tivesse sido através do processo, tinha tido oportunidade de conseguir?

Entrevistada: Não, porque, não teria oportunidade para isso, eu passo muitas horas no trabalho e tenho duas filhas, não teria oportunidade disso.

Entrevistadora: E o 9º ano para si é importante em que medida, em termos pessoais, profissionais?

Entrevistada: Pessoais e profissionais, ou dois.

Entrevistadora: Pessoais, porquê?

Entrevistada: Agora ainda não usufruí muito do 9º ano, como eu disse é recente, mas eu não queria parar no 9º ano, queria seguir

Entrevistadora: Pessoais, porquê? Sente-se mais valorizada?

Entrevistada: Sem dúvida.

Entrevistadora: Em termos profissionais, como diz, não teve oportunidade, porque o seu objetivo era conseguir.

Entrevistada: O meu objetivo é tirar o 12º ano e uma formação ligada com crianças.

Entrevistadora: É nessa área que gostaria de seguir?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: A participação no rancho folclórico foi de que idade a que idade?

Entrevistada: 16 anos

Entrevistadora: O que é que acha que aprendeu?

Entrevistada: Foi bom, o convívio, aprendi a dançar, mas principalmente o convívio gostei muito.

Entrevistadora: Vamos terminar.

Dados pessoais do entrevistado (E2)

Sexo: masculino

Residência: Painho - Cadaval

Idade: 58 anos

Função exercida: Reformado, trabalhou como marítimo durante trinta e oito anos, por vezes ainda trabalha como manobrador de máquinas na construção civil

Habilitações académicas antes do processo RVC: 2º ciclo do ensino básico (ensino recorrente aos 38 anos)

Habilitações atuais: 3º ciclo do ensino básico

Transcrição da entrevista (E2)

Entrevistadora: Boa tarde, vamos começar então a nossa entrevista, depois de ter saído da escola, frequentou algum tipo de ensino? **(1ª pergunta)**

Entrevistado: Tirei vários cursos de formação.

Entrevistadora: Em que áreas?

Entrevistado: Nas áreas de segurança marítima, relativamente a cargas, produtos químicos, tirei vários cursos, de estiva.

Entrevistadora: Dentro da sua área profissional?

Entrevistado: Sim, tudo dentro da minha área profissional.

Entrevistadora: Sempre na sua área profissional.

Entrevistado: Tirei o segurança básica, tirei serviços de incêndio no grupo número 2 da armada foi alguns três dias, tirei sempre vários cursos, andei vários anos em formação.

Entrevistadora: Sempre na sua área profissional, tirou alguns cursos fora da área profissional?

Entrevistado: Não, não, ah tinha tirado um quando tirei o 6º ano, tinha tirado o curso de iniciação à informática.

Entrevistadora: Quando tirou o 6º ano?

Entrevistado: Quando tirei o 6º ano.

Entrevistadora: Tinha que idade quando tirou o 6º ano?

Entrevistado: Tinha trinta e oito anos.

Entrevistadora: Ensino noturno. O que é que acha, esses cursos foram importantes para si?

Entrevistado: Ah, foram, foram.

Entrevistadora: Em que medida?

Entrevistado: Foram muito importantes, porque aquilo são trabalhos perigosos, são trabalhos que requerem mais cuidado, e a pessoa se tiver mais formação, tem, há probabilidades de ter menos acidentes e até com os colegas, com o material.

Entrevistadora: Porque, o que é que o Srº... fazia concretamente em termos profissionais?

Entrevistado: Eu era contra-mestre da marinha mercante.

Entrevistadora: Trabalhava em navios?

Entrevistado: Trabalhava em navios

Entrevistadora: De carga e descarga?

Entrevistado: Sim, andei em vários tipos de navios, em navios de vários tipos petroleiros, químicos, de gás de carga e descarga e ultimamente andei 10 anos em contentores, transporte de contentores.

Entrevistadora: Em termos de participação em atividades de associativismo, de cidadania ao longo da sua vida? **(2ª pergunta)**

Entrevistado: Foi quatro anos presidente da associação desportiva aqui do, foi quatro anos presidente da junta, agora ultimamente sou presidente da assembleia de freguesia, sempre tive em coisas dessas, foi dirigente sindical, foi delegado sindical, tive sempre metido, faço parte de uma cooperativa em lisboa, que é uma cooperativa que está inativa atualmente mas tem lá o sindicato a funcionar, tem vários apartamentos alugados e tem um restaurante, ainda pertenço à direção dessa cooperativa, tive sempre envolvido em coisas dessas.

Entrevistadora: E em termos de participação noutra tipo de associações, julgo que também fez teatro, não fez?

Entrevistado: Não, andei foi a aprender música há dois anos, a aprender piano e acordeão, mas depois comecei a ter o tempo ocupado e tive que abandonar.

Entrevistadora: Acha que ter passado pelo processo de RVC permitiu valorizar essas aprendizagens e esses conhecimentos que foi adquirindo ao longo da sua vida? **(3ª pergunta)**

Entrevistado: Sim, então havia muita coisa que eu tinha curiosidade de saber e agora posso tirar algumas conclusões e aprender algumas coisas, eu por exemplo tinha um problema durante muitos anos com as contas das horas extraordinárias e subsídios, antes de receber o ordenado, eu gostava de ter as contas todas feitas e tinha dificuldade em fazer isso, porque umas eram com x por cento, outras eram a tanto, às vezes tinha de descontar as percentagens e houve coisas que eu aprendi agora que já gostava de ter sabido há muito anos, agora é que tive essa oportunidade.

Entrevistadora: Mas acha que as coisas que as coisas que foi aprendendo ao longo da sua vida durante o processo foram valorizadas?

Entrevistado: Também?

Entrevistadora: Que tipo de conhecimento, algum em particular que se lembre?

Entrevistado: Em relação a agora ao curso?

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado: A matemática foi muito importante, o TIC também, porque hoje quem não souber mexer num computador é analfabeto. **(Final da 1ª gravação da entrevista E2)**

(Começo da 2ª gravação da entrevista E2) Entrevistadora: Estava a perguntar, em termos de valorização dos conhecimentos, o que é que acha que o processo. Em que é que ele foi importante para valorizar os conhecimentos que foi adquirindo ao longo da sua vida, que conhecimentos é que o processo RVC valorizou mais?

Entrevistado: Em termos, tivemos aí uma disciplina que eu não me lembro o nome agora.

Entrevistadora: Cidadania?

Entrevistado: Cidadania, exatamente, que até mesmo em termos de esclarecimento como funcionam as autarquias, eu já passei por cá, mas havia coisas que eu tinha dúvidas, que deu para eu ficar mais esclarecido.

Entrevistadora: Mas havia coisas que o Sr. já sabia?

Entrevistado: Sim, havia coisas que já sabia.

Entrevistadora: Como é que o processo em si, havia conhecimentos que o Sr. já tinha, da vasta experiência de vida que tem e dos vários cursos que frequentou e em termos do associativismo, é uma pessoa que já participou em várias atividades. Como é que acha que foi importante ou não ao longo do processo esses conhecimentos que já tinha terem sido valorizados?

Entrevistado: Foi importante, porque juntei isto, é como uma pessoa que vai trabalhar e tem a teoria mas não tem a prática e só com a teoria não se safa, tem de completar as duas partes. E eu era ao contrário, eu tinha a prática de muitas coisas, mas faltavam-me a teoria, faltava-me o conhecimento da realização, de orientação e assim fiquei com um conhecimento mais completo.

Entrevistadora: Desde que concluiu o processo, já participou mais em algum tipo de formação, ação? **(4ª pergunta)**

Entrevistado: Não. Ultimamente não, estou à espera diz que vai continuar.

Entrevistadora: Está inscrito em alguma?

Entrevistado: Estou inscrito em Inglês e TIC.

Entrevistadora: E em termos depois de ter concluído o processo, já se inscreveu para conseguir mais habilitações escolares ou outro tipo de habilitações profissionais? **(5ª pergunta)**

Entrevistado: Não me inscrevi, porque não me apareceu nada, acho que está tudo parado, não se sabe.

Entrevistadora: Mas era uma coisa que gostaria?

Entrevistado: Gostaria, pois com certeza, se tiver a oportunidade de tirar o 12º ano quero tirar, penso que ainda vou cá estar mais uns anos e nunca é demais saber mais um bocadinho.

Entrevistadora: Claro. Depois de ter concluído o processo, acha que participa mais ativamente em atividades sejam elas desportivas, culturais, houve alguma coisa que mudou, não mudou? **(6ª pergunta)**

Entrevistado: Até ver não participei em nada, mas se vier a participar, que é natural. Tenho mais conhecimentos agora do que tinha antes, até mesmo em termos informáticos, e mesmo

de outros tipos: matemática. Estou mais habilitado agora do que estava, não há dúvida nenhuma, as pessoas têm a mania de dizer que não aprendem nada, eu acho que aprendi, eu acho que a pessoa por mais dificuldade que tenha de aprender, aprende sempre qualquer coisa, uns aprendem mais, outros aprendem menos.

Entrevistadora: Que tipo de aprendizagens é que acha que acha que adquiriu? Já me falou em termos informáticos? (7ª pergunta)

Entrevistado: De matemática.

Entrevistadora: Informáticos o que é que aprendeu?

Entrevistado: Eu sabia brincar com o computador, mas se eu fosse escrever uma carta, escrevia mal, eu escrevia mas escrevia mal, agora já sei compor uma carta muito melhor.

Entrevistadora: E internet?

Entrevistado: Isso eu já mexia, mais ou menos, já me desenrascava bem. Já mexia bem, tive há uns anos na América, e já falava com a família pela internet, já foi aí há uns quinze anos. Mas por exemplo, em termos de *clipart*, daquela parte de inserir.

Entrevistadora: As imagens.

Entrevistado: As imagens e essas coisas todas, não sabia e fiquei a perceber.

Entrevistadora: E em termos matemáticos?

Entrevistado: Matemáticos também melhorei, embora fosse muita matéria para pouco tempo, foi sempre a dar, a falar e a escrever e a passar para os cadernos, foi pena que não fosse mais extensivo, mas mesmo assim apanhámos muita coisa.

Entrevistadora: Que coisas é que se lembra, mais concretamente?

Entrevistado: Olhe coisas, que eu já tive que ir buscar os apontamentos para ir tirar dúvidas, já não me lembrava dos nomes, e agora também não me lembra, só olhando para os apontamentos, mas muitas coisas que eu via as minhas filhas a fazer, mas o que é que vocês estão para aí a fazer, eu não percebo nada disso e agora cheguei ao ponto de fazer o mesmo que as via a fazerem.

Entrevistadora: A regra de três simples, se calhar?

Entrevistado: Exatamente, essa foi uma, as percentagens, sei lá, a roda dos alimentos, essa não fazia parte da matemática, sei lá, tanta coisa que eu agora já me lembro, essa regra de três simples, é uma delas.

Entrevistadora: Em termos da leitura e da escrita, acha que houve melhorias?

Entrevistado: Melhorias, nesses termos, eu já escrevia bem, relativamente bem, já tinha estado aqui na Junta. Já sabia fazer um requerimento, uma declaração, mais ou menos, já sabia escrever bem.

Entrevistadora: E em termos da responsabilidade, da autonomia, desse tipo de coisas, houve algum melhoramento, não houve? Em termos da parte da cidadania, da reciclagem, se já tinha esse hábito de reciclar?

Entrevistado: Tinha, mas nunca é demais falar e eu tinha porque no meio onde eu trabalhava, durante muitos anos, nós já vimos a reciclar lixo, por exemplo há muitos anos, não valia nada porque o aquilo ia para o mesmo contentor na mesma e o aproveitamento final era zero, mas

eu já conhecia as cores, a segregação. Nos navios, já se praticava há muitos anos, principalmente no estrangeiro, quando íamos ao estrangeiro, eles não brincam em serviço, já nos obrigavam a reciclar, cada vez mais. Se se faz uma viagem daqui para os Açores, ou para a Guiné, qual lá chegar tem de se apresentar o registo dos lixos.

Entrevistadora: Com certeza.

Entrevistado: O lixo, ele não se pode comer, tem de haver o lixo e tens de se apresentar o registo. Pode haver uma inspeção a saber disso.

Entrevistadora: O que é que acha que tipo de aprendizagens foram mais significativas, que fez depois do processo? **(8ª pergunta)**

Entrevistado: Não fiz nenhuma, tenho estado parado.

Entrevistadora: Mas durante o processo?

Entrevistado: Durante o processo, aprendi aquilo que já lhe falei, aprendi.

Entrevistadora: Informática?

Entrevistado: Informática, essa questão da Cidadania, que foi das coisas que eu gostei mais também.

Entrevistadora: Daquilo que me falou?

Entrevistado: Sobre as autarquias locais, sobre o governo, sobre a composição das freguesias, dos concelhos, que é que tem que.

Entrevistadora: O poder?

Entrevistado: Que poder, exatamente isso foi das coisas que mais gostei. Já tinha ligado a isso e dizia-me muito respeito.

Entrevistadora: Acha que as aprendizagens que adquiriu no processo foram importantes e úteis para o seu dia-a-dia? **(9ª pergunta)**

Entrevistado: Acho, então não acho e então devíamos ter mais, por exemplo, uma das coisas que nós tínhamos quando trabalhámos era por exemplo, segurança para os incêndios, por exemplo acho que toda a gente deveria ter ser uma certa instrução em relação a isso, ser esclarecida em relação a isso, como se deve lidar com o gás, com a eletricidade, com os perigos em relação aos incêndios, por vezes existem acidentes domésticos que se podia evitar se houvesse mais esclarecimento dado pelos bombeiros, porque isso é uma coisa que faz falta.

Entrevistadora: Mas por exemplo, a informática, utiliza sempre no dia-a-dia?

Entrevistado: Todos os dias perco tempo agarrado ao computador, às vezes até é demais.

Entrevistadora: O que é que acha que na sua opinião foi mais importante em termos positivos do processo? **(10ª pergunta)**

Entrevistado: Acho que sim, tudo foi importante no conjunto.

Entrevistadora: Mas o que é que acha?

Entrevistado: A informática para mim, foi das coisas mais importantes, mas o resto também foi.

Entrevistadora: E em termos negativos?

Entrevistado: Acho que não houve nada de negativo.

Entrevistadora: Não houve nada?

Entrevistado: Para mim a informática, foi das coisas mais positivas, de negativo não houve nada.

Entrevistadora: Acha que não houve nada que tivesse decorrido da maior maneira, ou que você tivesse sentido tão à vontade?

Entrevistado: Da minha parte, em relação aos colegas não sei, da minha parte tudo teve interesse.

Entrevistadora: Quais achas que foram as mudanças que ocorreram depois de ter feito o processo? (11ª pergunta)

Entrevistado: No meu caso, o melhor que eu aproveitei, foi o papel, porque se eu quiser trabalhar em qualquer lado aquilo serve-me para me valorizar.

Entrevistadora: O ter o 9º ano?

Entrevistado: Para o pessoal mais novo, isso faz muito jeito, mas para mim, de vez em quando vou trabalhar.

Entrevistadora: Vai trabalhar em que área?

Entrevistado: Apesar de estar reformado, vou trabalhar com máquinas de construção civil e coisas dessas, tenho andado a montar painéis solares, de vez em quando chamam-me para isso. Agora ajudo as pessoas.

Entrevistadora: Agora faz voluntariado?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Que voluntariado é eu faz?

Entrevistado: As pessoas que precisam de ir ao médico a Lisboa, e não conhecem e eu infelizmente conheço os hospitais por dentro e por fora, eu vou lá com elas e falo.

Entrevistadora: Isto já era alguma coisa que fazia antes?

Entrevistado: Não, isto fazia quando cá estava de férias.

Dados pessoais do entrevistado (E3)

Sexo: masculino

Residência: Vilar - Cadaval

Idade: 43 anos

Função exercida: Empresário no ramo da construção civil há 14 anos, tendo sempre trabalhado nesta área, foi também empresário no ramo da hotelaria durante seis anos

Habilitações académicas antes do processo RVC: 1º ciclo do ensino básico

Habilitações atuais: 3º ciclo do ensino básico (julho 2012)

Transcrição da entrevistada (E3)

Entrevistadora: Vamos começar então a nossa entrevista, entrevista nº3. Depois de ter saído da escola, já agora qual foi a escolaridade que fez?

Entrevistado: Tinha a 4ª classe e depois fiz o 9º ano.

Entrevistadora: Antes de ter feito isso, antes de ter frequentado o processo de RVCC, já tinha frequentado algum tipo de formação? **(1ª pergunta)**

Entrevistado: Formação de escola não. A única coisa que tínhamos feito eram formações a nível de trabalho.

Entrevistadora: Que tipo de formações?

Entrevistado: Formação de máquinas, formação de obras, de higiene e saúde. Foi só essas formações que nós fizemos.

Entrevistadora: Em termos profissionais, foi isso?

Entrevistado: Em termos profissionais foi só isso.

Entrevistadora: Ao longo da sua vida tem participado em atividades de tempos livres, associações? **(2ª pergunta)**

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Em que tipo de associações é que tem participado?

Entrevistado: Eu faço parte aqui da Associação Mutualista da Freguesia do Vilar somos uma associação que faz o socorro aqui na freguesia, onde eu sou o vice-presidente. Faço parte do Grupo Desportivo Vilarense, sou vice-presidente do Grupo Desportivo Vilarense também, onde temos às camadas jovens de Futsal, temos incluído uma escola de música, temos ginástica, temos vários desportos para crianças e adultos aqui na nossa terra.

Entrevistadora: Além disso, também faz parte de outras, em termos?

Entrevistado: Sou tesoureiro da Junta de Freguesia do Vilar, faço parte também da assembleia de compartes da Freguesia do Vilar. A assembleia dos compartes, é uma administração que toma conta dos baldios da Serra do Montejunto, onde nós fizemos agora uma iniciativa com um grupo muito alargado de pessoas que plantámos à volta de 3 mil árvores na Serra de Montejunto, estamos a tentar reflorestar a Serra para dar outra beleza à Serra que é pena estar como está.

Entrevistadora: Em termos dessas atividades que foi desenvolvendo ao longo da sua vida, que tipo de conhecimentos é que acha que foi adquirindo?

Entrevistado: Muitos, muitos, muitos conhecimentos e enriquecedores, a gente a trabalhar com as pessoas, consegue desenvolver a nossa capacidade, que às vezes estarmos em casa não conseguimos desenvolver. E eu, a nível de voluntariado, na minha vida tenho dado muito a esta terra.

Entrevistadora: Julgo que também fez desporto?

Entrevistado: Joguei futebol, nunca prossegui a carreira de desportista, mas joguei futebol aqui na terra pouco tempo, porque não tinha grande queda para o futebol, mas joguei futebol.

Entrevistadora: Acha que ter passado pelo processo de RVCC, lhe permitiu validar alguns dos conhecimentos que foi adquirindo ao longo da sua vida? **(3ª pergunta)**

Entrevistado: Sim, sim, sem dúvida nenhuma, na altura eu fiz só o exame da 4ª classe, porque eu sou originário de famílias humildes. Tinha de ajudar a casa, e comecei a trabalhar com 12 anos, então tive de sair da escola para ajudar a casa, com muita pena minha, depois

ao longo dos anos com a minha vida a percorrer muito bem precisava de mais qualquer coisa a 4ª classe não chegava, e penso que isto veio enriquecer a mim próprio.

Entrevistadora: E que acha que conhecimentos é que foi adquirindo ao longo da vida, que foram valorizados? Em que áreas? Por exemplo, na área da cidadania, na área da matemática?

Entrevistado: Em todas as áreas. Ao longo da vida, a matemática, a cidadania foi enriquecendo, pronto que era preciso, não, foi muito bom.

Entrevistadora: Desde que concluiu o processo, frequentou algum tipo de ação de formação? (4ª pergunta)

Entrevistado: Não. Estou agora a tirar o curso de Inglês, também pelo.

Entrevistadora: Formação Modular, não é?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: E em termos, desde que concluiu o processo inscreveu-se para melhorar as suas qualificações escolares ou em termos profissionais? (5ª pergunta)

Entrevistado: Não, não tenho muito tempo a minha vida é um bocado ocupada, ou tenho que estar aqui na Junta, ou tenho de estar na Associação Mutualista, ou tenho de estar no Grupo Desportivo, e o tempo é muito reduzido, quase todos os dias da semana tenho um dia ocupado, ou para uma coisa ou para outra, não, gostava de fazer mais qualquer coisa, mas não tenho tempo.

Entrevistadora: Não consegue. Acha que desde concluiu o processo, tem de alguma forma, participa mais ativamente nalgum tipo de atividade, ou não? (6ª pergunta)

Entrevistado: É igual.

Entrevistadora: E após ter concluído o processo acha que tipo de conhecimentos ou desenvolveu capacidades e em que áreas? (7ª pergunta)

Entrevistado: Sim. Aprende-se mais qualquer coisa que nós não tínhamos, na área da matemática.

Entrevistadora: Alguma coisa em particular que se recorde?

Entrevistado: Não, de tudo, também a parte de mexer nos computadores, também era importante para mim, além de que eu já mexia, mas não tinha todos os conhecimentos que eu aprendi. Foi bom, foi muito bom.

Entrevistadora: Em termos profissionais, houve alguma que tivesse aprendido que utilize hoje em dia, que tivesse de alguma forma tivesse modificado alguma coisa?

Entrevistado: Não, vamos lá ver, a minha atividade do dia-a-dia já está tão funda, quero dizer veio trazer-me a nível de escolaridade, o 9º ano é bom. Porque eu para a minha empresa tinha de ter mais que a 4ª classe, não podia renovar o alvará da empresa com a 4ª classe obrigavam-me a ter mais escolaridade, a nível de formação também era preciso, a nível de formação de máquinas, era preciso mais que a 4ª classe, e foi uma das coisas que me levou a tirar o 9º ano, foi isso também, para a minha empresa era importante

Entrevistadora: Era importante?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Em termos de por exemplo, ao nível da leitura e da escrita, acha que melhorou alguma coisa, não melhorou?

Entrevistado: Um pouco, um pouco, melhorei um bocadinho, porque também sou um bocado preguiçoso a escrever ou a ler. Tudo o que faz parte da escrita é a minha esposa que faz em casa, a nível do escritório. Quando é para escrever e ela também que faz os orçamentos, também não tenho muito tempo para isso, eu faço apenas um rascunho e ela faz tudo no computador.

Entrevistadora: E, por exemplo, em termos de ler documentos, interpretar algum tipo de informação?

Entrevistado: Isso faço, eu já fazia, leu os documentos, tenho de ler as plantas das obras, tenho de entendê-las, para saber o que elas querem dizer para a gente aplicar no terreno. Tenho de falar com engenheiros, tenho de falar com arquitetos, falar com vereadores, tem-se de falar com esse tipo de gente e temos de ter capacidade para os “enfrentar”, tem de se saber, se não souber uma planta de obra pode ser um problema muito grave.

Entrevistadora: Claro. O que é que acha que aprendeu após a conclusão do processo? **(8ª pergunta)**

Entrevistado: Aprendi, aprendi, foi como lhe tinha dito, aprendi a nível de mexer na parte da informática, foi bom, porque essa da informática estava mais ligada à minha esposa, na parte do escritório, e havia certos processos que eu não sabia entrar no computador, aprendi. Gostei de saber e agora já não dependo dela, já consigo fazer muita coisa no computador, já não é preciso estar também gritar, a dizer que não percebo, já consigo entender alguma coisa.

Entrevistadora: Essas aprendizagens e competências que adquiriu através do processo são úteis no seu dia-a-dia? **(9ª pergunta)**

Entrevistado: São, são muitos úteis no meu dia-a-dia, porque foi como eu lhe tinha dito, eu estava dependente da minha esposa para fazer qualquer coisa, e assim não preciso. Agora se eu tiver pressa para fazer vou ao escritório e faço.

Entrevistadora: Ou seja, é uma mais-valia em termos profissionais, porque consegue já?

Entrevistado: Sem dúvida, sem dúvida.

Entrevistadora: Além disso, há alguma outra área que ache que o processo ajudou a desenvolver de alguma forma? Em termos pessoais, alguma coisa?

Entrevistado: Em termos pessoais, o que ajudou foi a nível de camaradagem, encontramos ali um grupo de amigos, de pessoas que queriam também fazer o 9º ano. E pronto, aquilo que eu, da minha parte eu tinha mesmo de tirar o 9º ano, eu precisava do 9º ano para a minha empresa, gostei, gostei imenso daquele tempo que passei ali. Aprendi muita coisa, mas a parte da informática foi a que me marcou mais. Porque a nível da matemática, a gente aprende sempre, mas como nós lidamos todos os dias, com contas, com réguas, com esquadros, com fitas métricas, tirar pontos, para aqui e para acolá, todos os dias estamos a mexer naquele assunto, aprende-se sempre mais do que aquilo que se sabe, mas eu já sabia, agora a parte da informática e que era leigo na matéria.

Entrevistadora: E que tem sido uma mais-valia para si.

Entrevistado: Uma mais-valia para mim.

Entrevistadora: Na sua opinião o que é que acha que foi mais importante em termos positivos no período que frequentou o processo?

Entrevistado: O mais importante, para mim, desculpe a pergunta, não.

Entrevistadora: O que acha que foi mais importante, não é. Quer em termos positivos para si, mas também em termos negativos, mas vamos em primeiro lugar em termos positivos durante o processo de RVC. O que é que acha que foi mais importante para si? **(10ª pergunta)**

Entrevistado: O mais importante foi concluir o processo, concluir o 9º ano, foi muito importante para mim. Depois a formação que me deram foi muito útil para mim, aprendi mais qualquer coisa, que eu não sabia, a nível da informática, da matemática, da cidadania.

Entrevistadora: Da cidadania, há alguma coisa que se lembre em concreto?

Entrevistado: Não, mas, não me lembro assim, mas pronto, não, foi bom.

Entrevistadora: Em termos negativos, há alguma coisa que?

Entrevistado: O negativo que foi, foi a ocupação que eu tive de retirar do meu tempo que já é ocupado, para não ter faltas nas aulas, é a tal coisa que eu gosto de quando eu me meto numas coisas é levá-las até ao fim e foi isso que eu fiz, tentei não faltar, penso que faltei uma vez ou duas, mas com justificação, com alguma coisa ligada aqui à Junta, uma assembleia municipal, penso eu, mas foi justificado, a parte mais negativa, foi o tempo, mais nada.

Entrevistadora: Depois de ter concluído o processo, quais foram as mudanças que ocorreram a partir daí? **(11ª pergunta)**

Entrevistado: Não foram muitas, não, as mudanças não foram muitas, foi só o meu currículo que melhorou mais, quem tinha a 4ª classe, agora fica com o 9º ano, a nível de mudanças, não notei muitas mudanças no meu dia-a-dia, porque a atividade já é bastante elevada, não notei muita mudança.

Entrevistadora: Mas faz um balanço positivo?

Entrevistado: Faço um balanço muito positivo.

Entrevistadora: Há assim alguma coisa em particular que ache que durante o processo ocorreu em termos de conhecimento ou capacidades que tinha e que á partida não tinha reconhecido que tinha essas capacidades. Alguma que se recorda, por exemplo, eu não tinha a consciência que tinha?

Entrevistado: Aquilo que eu vi que aprendi fácil, foi a parte da informática, eu penso que foi rápido aprender a parte da informática, porque era uma coisa que eu queria aprender e então empenhei-me ao máximo, o formador tentou explicar-me os processos todos e eu aí consegui entrar facilmente nas aulas, dentro daquilo que eu queria aprender, porque era mesmo aquilo que eu queria aprender, da parte da informática gostei imenso. Uma coisa que eu achei que devia ser mais horas, achei poucas horas para a parte de informática, mas faço um balanço positivo, na parte das formadoras e formadores excelentes, foi tudo muito bom, só tenho a dar os parabéns.

Entrevistadora: Houve alguma área que para si que fosse mais fácil de entender, de perceber que tinha já alguns conhecimentos, ou não?

Entrevistado: A área mais fácil foi a área da matemática, das contas para mim foi a mais fácil de entender, porque eu trabalho com isso quase todos os dias, foi a parte mais fácil para mim e que eu gosto muito.

Entrevistadora: E acha que foi um processo que para si, fez sentido?

Entrevistado: Fez muito sentido, eu acho que tive que agarrar esta oportunidade, porque eu não sabia quando é que poderia ter outra oportunidade. Penso que à que dar os parabéns a esta iniciativa, para mim foi uma coisa que eu não sabia quando é podia ter, e o 9º ano fazia falta para minha vida, para a minha empresa, para a minha família, para tudo, saí disto um bocado mais enriquecedor.

Entrevistadora: O que é que sentiu que foi mais diferente do modelo escolar, do que estava habituado, da escola? O que mudou quando chegou lá, quais eram as suas expectativas e o que mudou a esse nível ?

Entrevistado: Muito, na altura quando fiz a 4ª classe que a gente aprendia o a, e, i, o, u, a tabuada, aqui foi diferente, tivemos trabalhos a nível de fichas, de computador mesmo, fizemos um resumo da nossa vida, durante estes anos tudo, que eu gostei muito de fazer e aí ao ver este resumo, comecei-me a aperceber que dá para escrever um livro, uma coisa que eu não tinha perceção nenhuma, pronto um trabalho foi enriquecedor para mim e que eu não tinha noção daquilo que eu fiz a minha vida toda. Acho que isso é muito importante e tenho guardado e um dia mais tarde vou dar valor aquilo, muito valor.

Entrevistadora: Vamos terminar, então.

Dados pessoais do entrevistado (E4)

Sexo: feminino

Residência: Vilar - Cadaval

Idade: 50 anos

Função exercida: maquilhadora, caraterizadora e cabeleireira há trinta e três anos

Habilitações académicas antes do processo RVC: 1º ciclo do ensino básico

Habilitações atuais: 3º ciclo do ensino básico (dezembro de 2012)

Transcrição da entrevista (E4)

Entrevistadora: Boa tarde, vamos iniciar a entrevista nº4. Após a sua saída da escola, frequentou algum tipo de formação, a nível profissional ou pessoa? **(1ª pergunta)**

Entrevistada: Quando saí da escola, aliás ainda não tinha saído da escola, estava a trabalhar. Portanto não tive tempo para fazer mais nada, foi logo trabalhar como cabeleireira.

Entrevistadora: Saiu da escola com que idade?

Entrevistada: Saí da escola com 10 anos. Naquela altura começava-se a trabalhar logo muito cedo. Mesmo que eu quisesse, vinha de uma família pobre, a minha mãe precisava que eu ajudasse, não tive hipóteses nenhuma de conseguir voltar a estudar. Só estudei depois mais

tarde, foi fazer um curso, que não tem nada a ver com a minha profissão de Empresária Agrícola.

Entrevistadora: Tinha mais ou menos com que idade?

Entrevistada: Então aí tinha 34 anos/35 anos, mais ou menos, quando foi fazer esse curso.

Entrevistadora: O que é que acha que aprendeu nesse curso?

Entrevistada: Nesse curso, para mim foi muito bom, foi uma fase da minha vida, em que eu me “chateei”, com a minha profissão de cabeleireira, maquilhadora e caraterizadora de televisão e resolvi que não queria mais e foi fazer uma coisa diferente. Tinha algum dinheiro na altura e comprei uma quinta aqui nas Lamas e foi tirar esse curso de Empresária Agrícola, para poder abrir uma quinta pedagógica para crianças e tive a quinta durante sete anos. Essa quinta, obrigou-me a ter que ir saber o que era lidar com a terra, não é, para poder explicar as crianças o que se podia fazer com a terra. E aí, foi muito bom, foi um curso de 1 ano, onde eu aprendi tudo, como lavrar, como semear, como plantar, com os animais, terei carta de trator agrícola, de máquinas agrícolas, aprendi a trabalhar com semirreboque, a guiar com semirreboque, a lavrar a terra, foi um curso de facto fantástico. Depois aprendi a fazer a contabilidade agrícola, todas essas coisas, foi muito bom e depois esse curso serviu para eu ter a quinta durante sete anos. Só que depois o bicho da cabeleireira e da maquilhadora, está mais presente e um dia voltei outra vez para a minha profissão. Foi importante, porque aprende-se sempre, não tem nada a ver com a minha profissão, é completamente diferente, os ciclos dos coelhos, como é que as galinhas, não sei o quê, tudo isso, foi motivado para mim, para mim foi muito bom, que já não estava na escola há muitos anos, consegui acabar o curso com média de 16,7 ou coisa assim.

Entrevistadora: O que é que achou mais diferente entre o curso que frequentou e a escola em si?

Entrevistada: Eu acho que a escola, nós aprendemos a somar e a ler, e aquelas coisas todas, até à 4ª classe, apesar de eu ser neta de professora primária e obrigar-me a saber os rios todos, e os caminhos-de-ferro, aquelas coisas todas que nós aprendíamos pelo mapa, foi bom. Mas, neste curso aprendi coisas que eu não fazia ideia, eu era uma menina da cidade, gostava de campo mas sabia lá como se faziam as coisas. Foi muito interessante, aprendi como se faziam as coisas, aprendi coisas para a vida que ainda gosto de fazer. Já não estou no campo, e ainda gosto de ter a minha horta e ter as minhas galinhas. Já a nível particular, já acho fantástico, são coisas diferentes a escola e este curso, há coisas diferentes. O que é que há de igual, a matemática, que eu tive de saber muita coisa de matemática para a contabilidade agrícola, tinha de fazer os livros, tinha que saber fazer as quantidades de produto para as pulverizas, não sei quê. Foi muito bom, é a única coisa que tenho de dizer e depois ter sete anos de experiência.

Entrevistadora: E depois o que é que aconteceu à quinta?

Entrevistada: A quinta no fundo fazia parte das quintas pedagógicas da Europa e isso era representado pela Câmara de Lisboa, que tem uma Quinta Pedagógica, a Quinta Pedagógica dos Olivais, em que o João Soares, o filho do Mário Soares, era a menina dos olhos dele, e

então ele que organizava isso tudo, e eu fazia parte dessa organização com ele. E corria tudo muito bem, porque a Quinta dos Olivais só recebia crianças que pertencesse à zona de Lisboa, tudo o que fosse fora de Lisboa, ele, a quinta encaminhava para os vários sítios, portanto aqui na zona Oeste, era a Quinta de Eira Nova, na zona do Alentejo, era a Quinta do Feijão Verde, ele encaminhava para as outras quintas, para além de que na minha quinta era particular, as pessoas pagavam, na quinta dos olivais não, na minha quinta, as crianças pagavam um X pela alimentação e pelas atividade que faziam, e pronto foi bom. Até que um dia o João Soares saiu, e ganhou as eleições o Santana Lopes para a Câmara, e o que ele fez abrir a Quinta Pedagógica dos Olivais ao país inteiro onde não se paga, logo em vez de quererem pagar a atividade de um dia inteiro era 15 euros por criança. Se fosse à Quinta dos Olivais não pagavam nada, deixaram de vir. E eu que tinha 8 pessoas a trabalhar na quinta, tinha 3 pessoas formadas para tomar conta das crianças, era eu, um hortelão, duas cozinheiras e uma ajudante, era muita gente, houve uma altura que não consegui aguentar, porque os próprios clientes telefonavam das escolas, dos colégios que eu tinha, ainda durante algum tempo mantive alguns colégios, porque gostavam mais de vir aqui, mas não me conseguia aguentar com aqueles clientes e acabei por ter que vender e fechar e há mais menos 7 anos que fechei.

Entrevistadora: E deixou de ser Quinta Pedagógica?

Entrevistada: Deixou de ser Quinta, é uma quinta que ainda lá está, foi vendida a uma pessoa com dinheiro na altura que comprou, que também já não lá está, foi vendida a outra. Era uma quinta com 3 hectares, era com 17 casas á volta, uma coisa muito engraçada, foi um projeto muito interessante. Antes disso, na minha profissão aí com uns 18 anos, foi tirar um curso de tintureira de cabelos, a aprender como é que as pessoas reagem, a pigmentação do cabelo, as cores que posso pôr em determinada cor de cabelo, o que é que resulta todas essas coisas todas, na altura que se chamava tintureira de cabelos.

Entrevistadora: Até porquê, nessa altura, nem existem muitas tintas no mercado?

Entrevistada: Não, havia, não havia essa coisa das madeixas, dos brilhos, das cores, dos yalikes, essas coisas todas. Existiam umas cores, umas madeixas, tínhamos mesmo que aprender, foi para a *Lóreal* em Lisboa, tirei o curso e fiquei. Depois o Grémio dos Cabeleireiros em Lisboa, ainda consegui tirar uma carteira de cabeleireira, mas que não era uma carteira profissional, nunca cheguei à carteira profissional. Sempre trabalhei em cabeleireiro e foi sempre sendo chamada, convidada para trabalhar noutros cabeleireiros e pronto e não me fazia falta díganos assim. Aos 19 anos, foi para a televisão e na televisão, então vou a Madrid tirar um curso de maquilhadora e depois tiro outro cá na RTP da Rosco, não é Rosco é da Benay, que vem a Portugal fazer o curso e eu faço o curso. E essas as minhas habilitações de trabalho que eu tenho em papel, só essas de diploma.

Entrevistadora: Ao longo da sua vida tem participado em atividades de tempos livres, de associativismo, que tipo, de cidadania? (2ª pergunta)

Entrevistada: Ora bem, aqui eu foi Presidente, antes de vir para aqui tinha uma casa em Palhais, numa aldeia aqui ao lado, o meu marido tinha lá casa, a minha sogra. E o meu marido

fazia parte da Associação e eu candidatei-me na altura e então foi Presidente da Associação durante três anos da Associação.

Entrevistadora: Cultural e Recreativa?

Entrevistada: Por acaso até se chama União dos Amigos de Palhais, pronto tive lá três anos, mas acabei por sair, porque não conseguia entretanto também tive a minha filha, e o meu filho, trabalhava em Lisboa e também vim viver para o Vilar, comprei casa aqui e vim para aqui. E há oito anos que faço parte aqui do Grupo de Teatro “Os Lilazes” aqui pronto, estou à frente do grupo já há oito anos, agora estamos um bocadinho parados, estamos a ensaiar, temos feito.

Entrevistadora: Então o que faz mais concretamente no Grupo?

Entrevistada: Mais o que faço. Faço de ensaiadora, de guarda-roupa, faço um bocadinho, fazemos mais revista, agora é que estamos a ensaiar uma peça de teatro, mas digamos que os textos, sou eu que trabalho em televisão, sou eu que vou juntando os textos, só eu que dou os textos, sou eu que os ensaio, depois quando temos danças são eles próprios que vão ensaiando as danças e depois eu dou uma mãozinha em alguma coisa, digamos que é a minha experiência em teatro e televisão que faz com que ajude e tem sido muito engraçado, porque durante estes 8 anos vejo os miúdos crescerem. O meu primeiro grupo era 30, dos seus 16 até aos 45/46, a Alice também fazia parte desse grupo, e pronto foi muito engraçado ficar esses anos juntos, há dois anos a Alice saiu e acabou. Estamos só 3 ou 4 pessoas a fazer uma peça de teatro. Mas sou eu que faço, vou para lá e fazemos a roupa, às vezes, é mais um escape, chego a casa a esta hora 8 e tal da noite, vou jantar a correr, e saio a correr para estar no ensaio.

Entrevistadora: Só para desanuviar.

Entrevistada: É bom para estar com eles para desanuviar, para conversar, é muito engraçado.

Entrevistadora: E outro tipo de atividades, alguma vez fez desporto?

Entrevistada: Não, com este corpinho, nada

Entrevistadora: E alguma vez participou em atividades de cidadania, em listas?

Entrevistada: Sim, faço parte aqui do grupo aqui na Junta, não na lista, mas sim faço parte. E fiz 2 ou 3 anos, a festa da freguesia, organizei uns concertos de música clássica ali na Igreja, com piano, violino. Também às vezes fazemos umas feiras de artesanato ali no largo da Igreja, praticamente essas coisas que não dão dinheiro, só se gasta dinheiro mas que são interessantes.

Entrevistadora: Voluntariado. Acha que ter passado pelo processo permitiu valorizar os conhecimentos e as competências que foi adquirindo ao longo da sua vida? **(3ª pergunta)**

Entrevistada: Eu digo uma coisa, eu começo a escrever texto na minha história de vida, o processo foi muito bom porque foi reviver momentos bons e menos bons da minha vida, porque eu adoro a minha profissão, gosto muito aquilo que faço, mas existem sempre coisas que nós não gostamos, há sempre que não correm tão bem, pior e tal. Mas são as coisas que foram boas, do que as que não foram. E de facto eu não me dei conta que passarem 33 anos e eu fiz tanta coisa e foi tão bom e ao fazer o processo foi mexer em coisas que estavam guardadas tanto na minha cabeça, como lá na gaveta das coisas, e quando uma pessoa começa a mexer

naquilo de facto 33 anos foi muito tempo, e rever aquilo tudo, rever, lembrar, escrever e aprender algumas coisas, mesmo. Eu adorei as aulas de matemática, as minhas colegas, às vezes, ah que chatice aprender aquelas fórmulas todas, mas aquilo é tão interessante. No meu tempo, o que fazia era uma conta de somar, 2 mais 9, hoje em dia não se faz nada disso, se calhar com 50 anos aprendi uma maneira diferente de fazer contas, não é uma matemática que é vá entrar para aí, que eu vá competir com um miúdo do 7º ou 8ª ano, irei ficar atrás, é óbvio, mas foi muito interessante saber que havia uma forma diferente de fazer as coisas. O que é que eu aprendi mais, os computadores, faz parte também. Eu nos computadores sempre foi muita marrona, eu ligava o computador e fiz asneiras até aprender, eu trabalho com o Photoshop, trabalho com o Word, trabalho com o Excel, tudo da minha cabeça, a fazer asneiras, e estar ali horas a fazer aquilo ali o que é que eu aprendi, aprendi a fazer as coisas bem-feitas, atalhos mais rápidos, acho que se aprende sempre qualquer coisa.

Entrevistadora: Que tipo de conhecimentos é que acha que serviu para valorizar?

Entrevistada: Serviu para valorizar aquilo.

Entrevistadora: Que competências, não sei se teve a noção ou se tinha a noção de que tinha?

Entrevistada: Tive a noção de que burro velho não aprende língua, acho que isto é um ditado e que não se aplica, eu acho que se nós nos aplicarmos um bocadinho, aprendemos sempre e eu acho que aprendi alguma coisa. Acho que aprendi dos computadores, o que aprendi da matemática, não me vai fazer falta o que aprendi, aprendi a fazer de maneira diferente. O que aprendi dos computadores, aprendi a fazer bem aquilo que não fazia bem, acho que aí é que ganhei alguma coisa. Acho que para além de ganhar amigos que não conhecia, ou que conhecia mal aqui da aldeia, mas aprende-se sempre.

Entrevistadora: E que conhecimentos que já tinha e que viu valorizados, que tipo de conhecimentos é que se recorda?

Entrevistada: Sei lá, não lhe sei explicar, acho que para desenvolver um texto, eu às vezes, escrever uma carta, uma carta mais, uma carta uma resposta a um currículo, uma proposta de trabalho, nunca tinha feito e acho que aprendi. Se um dia me propuseram, tem de mandar para aqui uma carta, acho que agora já sei fazer. Agora, por exemplo, estou a fazer o CCP (Curso de Certificação Pedagógica), acho que me ajudou-me aquilo que eu fiz, a saber agora a expor uma ideia, por exemplo, agora vou aquela empresa oferecer os meus serviços, um Workshop, uma coisa que nunca tinha feito, agora já sei os termos sei lá, já sei o que vou escrever, aprendi isso.

Entrevistadora: Desde que concluiu o processo, já fez alguma ação de formação? (4ª pergunta)

Entrevistada: Estou agora a frequentar o CCP (Certificado de Competências Pedagógicas), dantes era CAP (Certificado Aptidão de Formador) e foi chamada para o Inglês, elas aqui disseram-me que ia começar, mas não me disseram data e eu precisava dos dois. Mas Inglês não está fora de questão, que um dia destes ainda.

Entrevistadora: Está a fazer aonde o CCP?

Entrevistada: Estou a fazer com a Megaexpansão, lá nas Caldas.

Entrevistadora: E está a correr bem?

Entrevistada: Está a correr muito bem.

Entrevistadora: Começou quando?

Entrevistada: Comecei dia 08, 3x por semana, 4 h por dia.

Entrevistadora: Então já fez?

Entrevistada: Fiz ontem a primeira apresentação.

Entrevistadora: Correu bem?

Entrevistada: Acho que correu muito mal, eles dizem que não, mas de facto é muito interessante.

Entrevistadora: Acho que é um curso que principalmente as pessoas que falam em público, deveriam tirar esse curso, porque é muito enriquecedor nesse aspeto.

Entrevistada: Eu que sou uma mulher das câmaras mas atrás, ontem vi-me na outra parte, á frente noutra situação e pensei isto é horrível, amanhã vamos fazer o visionamento, vou eu e o meu marido, vamos os dois e disse para o meu marido, aquilo correu-me tão mal, inclusivamente o computador, fiquei ali a olhar com o computador e olhar para o videoprojetor, aquilo fez-me uma confusão, eles disseram-me que não que correu muito bem, mas amanhã é que eu vou ver.

Entrevistadora: Mas eu acho que é um curso muito interessante.

Entrevistada: Está a ser um curso muito giro, eu estou a gostar imenso.

Entrevistadora: Desde que concluiu já se inscreveu em algo para melhorar as suas habilitações escolares? **(5ª pergunta)**

Entrevistada: Ainda não.

Entrevistadora: Mas era algo que gostaria?

Entrevistada: Sim, eu não altura disse que gostaria de ir para línguas, porque é uma das coisas que me faz falta e depois do CCP, vou ter que fazer outros cursos noutras áreas mais específicas, porque isto é a iniciação e depois é continuar.

Entrevistadora: Claro. Acha que depois de ter concluído o processo, participa mais ativamente em atividade desportivas, culturais, ou não? **(6ª pergunta)**

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Não mudou nada.

Entrevistada: Nesse aspeto para mim, não mudou nada.

Entrevistadora: Porque já participa.

Entrevistada: E não me fez falta para isso, digamos assim.

Entrevistadora: O que é que acha que desde que concluiu o processo adquiriu conhecimentos, ou desenvolveu capacidades novas? Falou-me á bocadinho da leitura, da escrita, em termos profissionais, há alguma coisa que tenha modificado? **(7ª pergunta)**

Entrevistada: Não, porque, vamos lá ver uma coisa não me fazia falta ter o 9º ano, para fazer o que faço, por isso não alterou nada, a única coisa que me levou a fazer foi que um dia destas aparece aí uma empresa estrangeira e diz ah não tens o 9º ano, não tens a escolaridade obrigatória não podes fazer um filme, não sei se isso vai acontecer, mas eu já vejo tanta coisa,

que eu comecei a pensar, não é melhor fazer, é uma oportunidade, perder não perco, só ganho com isso e se calhar tomo gosto e começo por aí fora, e confesso que gostaria de fazer o 12º ano, mas não sei. Não me fez assim falta, porque a minha parte é só cabelos, apesar de ter uma parte muito burocrática no cinema, que foi uma das minhas apresentações ontem, que é ler um mapa de trabalho de cinema que aquilo é uma confusão, e alguém uma decopagem de um dia daqueles e nós dá mais 2 folhas por dia, e tem de se fazer fotografias e fazer racores, e tenho de saber em que dia da ação estou e para além daquilo ainda tenho uma quantidade de outras coisas para fazer, mas ao longo dos anos, aprendi a fazer aquilo tão bem, que faço aquilo com uma perna às costas, não foi o processo que me fez falta, entende.

Entrevistadora: E em termos de por exemplo, melhorou o raciocínio numérico?

Entrevistada: Ah, aprendi a fazer coisas na matemática que não sabia fazer.

Entrevistadora: A regra de três simples?

Entrevistada: A regra de três simples, outras coisas assim, foi fantástico.

Entrevistadora: Em termos de hábitos de leitura e escrita, ou leitura?

Entrevistada: Leitura, eu já gostava de ler, eu leio livros, de vez em quando agarro num livro e leio. Escrever, confesso que gostaria de aprender a escrever bem, porque tenho uma letra tão feia, que gostava de escrever bem, e ali não tive hipótese de escrever, fizemos praticamente tudo no computador, mandávamos mails, no computador faço com muita facilidade, mas a minha letra á mão é muito feia, mesmo.

Entrevistadora: O que é que acha que, após a conclusão do processo o que é que aprendeu de novo e em que áreas? O que é que aprendeu? **(8ª pergunta)**

Entrevistada: O que é que eu aprendi. Aprendi a ser mais, não lhe sei explicar, eu aprendi, ou pelo menos a estar, aprender em grupo, a estar em grupo.

Entrevistadora: A partilhar opiniões?

Entrevistada: A partilhar e a discutir ideias às vezes.

Entrevistadora: Porque o seu trabalho acaba por ser um bocadinho solitário?

Entrevistada: Solitário naquilo que faço, porque tenho sempre muita gente á minha volta, eu não faço o trabalho da maquilhadora, nem o aderecista faz o meu.

Entrevistadora: Não discutem nada?

Entrevistada: Quando um está ali a fazer o seu trabalho, ninguém se mete no trabalho dos outros e as coisas correm bem. E eu ali aprendi que na matemática, como é que está a fazer, deixa-me copiar para ver se eu percebo, ou nos computadores como já tinha mais facilmente acabei por terminar mais rapidamente e quando os outros ainda estavam na 1ª página, eu já estava na 3ª página porque escrevia mais rápido e porque já sabia algumas coisas, se calhar aprender em grupo, a discutir ideias e a ter opiniões, qual a tua opinião sobre isto, ou alguém perguntar e eu dei, foi por aí.

Entrevistadora: Acha que essas aprendizagens são úteis no seu dia-a-dia? **(9ª pergunta)**

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Em que medida de que forma é que elas são úteis.

Entrevistada: Acho que sim, a minha filha faz-me algumas perguntas e eu já lhe sei responder, ela anda no 12º ano, se calhar por aí, claro que não tenho a facilidade de aprendizagem que ela tem, mas se eu pensar um bocadinho, sou capaz de responder e antes não era. Se calhar também tinha.

Entrevistadora: Se calhar as coisas até estavam lá, mas tantos anos sem estudar e agora

Entrevistada: Se calhar ativou-me aqui um “chipzinho”, era capaz de ser interessante.

Entrevistadora: O que é que foi mais importante quer em termos positivos, como negativos no tempo em que frequentou o processo? **(10ª pergunta)**

Entrevistada: Em termos do curso?

Entrevistadora: O que foi para si mais importante? Quer em termos positivos, como negativos?

Entrevistada: Olhe em termos positivos para mim, eu fiz numa altura em que estava cheia de trabalho, eu estava nem estava cá, estava nos Açores, chegar a casa depois da viagem se calhar numa ilha de um lado a outro, estar num hotel em que tinha tomar banho e jantar e ainda ter que ir para o quarto, fazer os trabalhos da escola, digamos assim para conseguir mandar para a professora. Costumou-se mas foi bom, porque eu acabei por me organizar, as minhas colegas diziam-me vamos beber um copo, e eu dizia tenho de ir fazer os trabalhos da escola, os TPC, sim porque eu ando a fazer o 9º ano, tenho de ir fazer os TPC se não eu não passo, eu meti isto na cabeça eu tinha que fazer aquilo. Foi ao mesmo tempo um esforço, mas foi um esforço bom, porque eu ficar com o papel na mão, porque costume, eu estava tão cansada, chegar ver os mails, fazer trabalhos, mandar para a professora e receber outras coisas, bem hoje não faço mais nada, vou dormir, às vezes estava a cama cheia de papéis e computadores e pens e mandar imprimir coisas, acho que também foi bom por aí. Negativo, acho que não tenho nada de negativo, eu não sou uma pessoa nada negativa, eu gosto das coisas, não houve nada negativo.

Entrevistadora: E quais foram as mudanças que ocorreram na sua vida após o processo? Houve alguma mudança? **(11ª pergunta)**

Entrevistada: Dantes era uma pessoa com a 4ª classe e agora sou uma pessoa com o 9º ano.

Entrevistadora: Em termos profissionais não mudou nada. E em termos pessoais?

Entrevistada: Em termos pessoais, sinto-me bem aos 51 anos ter conseguido fazer. Se calhar não pela via que deveria ter feito, pela escola estudar mais 5 anos, mas é bom aos 51 anos, ainda pensar nisso.

Entrevistadora: O que é que acha que sentiu mais diferente entre a escola que frequentou e o processo de RVC? O que é que acha que foi mais diferente?

Entrevistada: O que é que foi diferente. Uma coisa é sermos crianças e termos de ir para a escola para fazermos aqueles 4 anos, no meu caso foram os 4 anos, mais, porque chumbei tive de lá andar mais um ano. E quando adulta, só eu que me ofereço para ir fazer, então eu estou ali de livre e espontânea vontade e eu acho que aquilo tudo me correu muito bem, porque eu queria fazer, não me mudou nada.

Entrevistadora: Sentiu-se valorizada?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: O que é que acha que por exemplo, que conhecimentos é que tinha que foram valorizados?

Entrevistada: Que conhecimentos? Eu acho que a minha vida profissional muito valorizada na minha história de vida, porque aquilo foi o reviver de 33 anos de trabalho digamos que eu nunca teria conseguido fazer se não tivesse feito o 9º ano. Ainda no outro dia estive a ver e pensei se não fosse agora, nunca tinha conseguido fazer isto, está lá tudo uma história de vida profissional que eu se calhar nunca tinha feito sem não fosse o 9º ano. Isso é uma coisa muito preciosa também para mim, agora ter tudo organizado, saber o que fiz, como fiz, as dificuldades que passei para as fazer, as condições de trabalho onde trabalhei, o que ganhei, o que perdi, mas foi bom fazer aquilo, isso foi bom. Tenho lá o meu dossier dourado, o meu currículo está tudo aqui, e que acho que é interessante. De resto, não sinto que me faça falta a matemática, aprender a lidar com os computadores também foi bom, de resto não houve mais nada.

ANEXO 3

Análise de conteúdo das entrevistas

Análise de conteúdo das entrevistas aos adultos que concluíram processo de RVC de nível básico	
Categorias	Análise de conteúdo
Frequência de ações de formação formal e não formal, antes do processo de RVC	<p>E1-“Fiz de máquinas agrícolas, fiz de vitivinicultura”</p> <p>E2- “Tirei vários cursos de formação.”, “Nas áreas de segurança marítima, relativamente a cargas, produtos químicos, tirei vários cursos, de estiva.”</p> <p>E3- “Formação de escola não.” “A única coisa que tínhamos feito eram formações a nível de trabalho.”</p> <p>E4 – “Saí da escola com 10 anos. Naquela altura começava-se a trabalhar logo muito cedo. Mesmo que eu quisesse, vinha de uma família pobre, a minha mãe precisava que eu ajudasse, não tive hipóteses nenhuma de conseguir voltar a estudar. Só estudei depois mais tarde, foi fazer um curso de, que não tem nada a ver com a minha profissão de Empresária Agrícola.”</p>
Participação em atividades de ocupação de tempos livres, de associativismo, de cidadania, culturais ou políticas	<p>E1- “É assim, a única coisa que eu participava, agora também já não era não, porque já acabou era nos Ranchos.”</p> <p>E2- “Foi quatro anos presidente da associação desportiva aqui do Painho, foi quatro anos presidente da junta, agora ultimamente sou presidente da assembleia de freguesia, sempre tive em coisas dessas, foi dirigente sindical, foi delegado sindical, foi, tive sempre metido, sou, faço parte de uma cooperativa em lisboa, que é uma cooperativa que está inativa atualmente mas tem lá o sindicato a funcionar, tem vários apartamentos alugados e tem um restaurante, ainda pertenço à direção dessa cooperativa, tive sempre envolvido em coisas dessas.”</p> <p>E3- “Eu faço parte aqui da Associação Mutualista da freguesia do Vilar, somos uma associação que faz o socorro aqui na freguesia, onde eu sou o vice-presidente. Faço parte do Grupo Desportivo Vilarense, sou vice-presidente do Grupo Desportivo</p>

	<p>Vilarenses também, onde temos às camadas jovens de Futsal, temos incluído uma escola de música, temos ginástica, temos vários desportos para crianças e adultos aqui na nossa terra.”</p> <p>“Sou tesoureiro da Junta de Freguesia do Vilar, faço parte também da assembleia de compartes da freguesia do Vilar. A assembleia dos compartes, é uma administração que toma conta dos baldios da Serra do Montejunto, onde nós fizemos agora uma iniciativa com um grupo muito alargado de pessoas que plantámos à volta de 3 mil árvores na Serra de Montejunto, estamos a tentar reflorestar a Serra para dar outra beleza à Serra que é pena estar como está.”</p> <p>E4-“...foi Presidente da Associação durante três anos...”, “E há oito anos que faço parte aqui do Grupo de Teatro “Os Lilazes” aqui pronto, estou à frente do grupo já há oito anos, agora estamos um bocadinho parados, estamos a ensaiar, temos feito.” “...faço parte aqui do grupo aqui na Junta, não na lista, mas sim faço parte. E fiz 2 ou 3 anos, a festa da freguesia, organizei uns concertos de música clássica ali na Igreja, com piano, violino. Também às vezes fazemos umas feiras de artesanato ali no largo da Igreja, praticamente essas coisas que não dão dinheiro, só se gasta dinheiro mas que são interessantes.”</p>
<p>Valorização dos conhecimentos dos adultos no processo RVC</p>	<p>E1- “Valorizar e o que aprendi, aprendi bastante coisa, foi um lembrar, há certas coisas que foi um lembrar.”</p> <p>E2- “Sim, então havia muita coisa que eu tinha curiosidade de saber e agora posso tirar algumas conclusões e aprender algumas coisas, eu por exemplo tinha um problema durante muitos anos com as contas das horas extraordinárias e subsídios, antes de receber o ordenado, eu gostava de ter as contas todas feitas e tinha dificuldade em fazer isso, porque umas eram com x por cento, outras eram a tanto, às vezes tinha de descontar as percentagens e houve coisas que eu aprendi agora que já gostava de ter sabido há muito anos, agora é que tive essa oportunidade.”, “Foi importante, porque juntei isto, é como uma pessoa que vai trabalhar e tem a teoria mas não tem a prática e só com a teoria não se safa, tem de</p>

	<p>completar as duas partes. E eu era ao contrário, eu tinha a prática de muitas coisas, mas faltavam-me a teoria, faltava-me o conhecimento da realização, de orientação e assim fiquei com um conhecimento mais completo.”</p> <p>E3- “Muitos, muitos, muitos conhecimentos e enriquecedores, a gente a trabalhar com as pessoas, consegue desenvolver a nossa capacidade, que às vezes estarmos em casa não conseguimos desenvolver.” “Em todas as áreas. Ao longo da vida, a matemática, a cidadania foi enriquecendo...”</p> <p>E4 – “Eu digo uma coisa, eu começo a escrever um texto na minha história de vida, o processo foi muito bom porque foi reviver momentos bons e menos bons da minha vida, porque eu adoro a minha profissão, gosto muito aquilo que faço, mas existem sempre coisas que nós não gostamos, há sempre que não correm tão bem, pior e tal. Mas são as coisas que foram boas, do que as que não foram. E de facto eu não me dei conta que passarem 33 anos e eu fiz tanta coisa e foi tão bom e ao fazer o processo foi mexer em coisas que estavam guardadas tanto na minha cabeça, como lá na gaveta das coisas, e quando uma pessoa começa a mexer naquilo de facto 33 anos foi muito tempo, e rever aquilo tudo, rever, lembrar, escrever e aprender algumas coisas, mesmo.”, “Tive a noção de que burro velho não aprende língua, acho que isto é um ditado e que não se aplica, eu acho que se nós nos aplicarmos um bocadinho, aprendemos sempre e eu acho que aprendi alguma coisa. Acho que aprendi dos computadores, o que aprendi da matemática, não me vai fazer falta o que aprendi, aprendi a fazer de maneira diferente. O que aprendi dos computadores, aprendi a fazer bem aquilo que não fazia bem, acho que aí é que ganhei alguma coisa. Acho que para além de ganhar amigos que não conhecia, ou que conhecia mal aqui da aldeia, mas aprende-se sempre.” “Sei lá, não lhe sei explicar, acho que para desenvolver um texto, eu às vezes, escrever uma carta, uma carta mais, uma carta uma resposta a um currículo, uma proposta de trabalho, nunca tinha feito e acho que aprendi. Se um dia me</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>propuseram, tem de mandar para aqui uma carta, acho que agora já sei fazer. Agora, por exemplo, estou a fazer o CCP (Curso de Certificação Pedagógica), acho que me ajudou-me aquilo que eu fiz, a saber agora a expor uma ideia, por exemplo, agora vou aquela empresa oferecer os meus serviços, um Workshop, uma coisa que nunca tinha feito, agora já sei os termos sei lá, já sei o que vou escrever, aprendi isso.”, “Eu acho que a minha vida profissional muito valorizada na minha história de vida, porque aquilo foi o reviver de 33 anos de trabalho digamos que eu nunca teria conseguido fazer se não tivesse feito o 9º ano. Ainda no outro dia estive a ver e pensei se não fosse agora, nunca tinha conseguido fazer isto, está lá tudo uma história de vida profissional que eu se calhar nunca tinha feito sem não fosse o 9º ano. Isso é uma coisa muito preciosa também para mim, agora ter tudo organizado, saber o que fiz, como fiz, as dificuldades que passei para as fazer, as condições de trabalho onde trabalhei, o que ganhei, o que perdi, mas foi bom fazer aquilo, isso foi bom”</p>
<p>Ações de formação frequentadas, após o processo de RVC</p>	<p>E1- “ Não, estou inscrita agora aqui na Junta,... Tecnologia de informação”</p> <p>E2- “Não”, “Estou inscrito em Inglês e TIC”</p> <p>E3- “Não. Estou agora a tirar o curso de Inglês,...”</p> <p>E4 – “Estou agora a frequentar o CCP (Curso de Competências Pedagógicas), dantes era CAP e foi chamada para o Inglês, elas aqui disseram-me que ia começar, mas não me disseram data e eu precisava dos dois. Mas Inglês não está fora de questão, que um dia destes ainda.”</p>
<p>Melhoria das habilitações escolares e profissionais após o processo de RVC</p>	<p>E1- “É assim, eu falei logo na altura, eu gostava muito de fazer o 12º ano e tirar para poder estar com crianças.”</p> <p>E2- “Não me inscrevi, porque não me apareceu nada, acho que está tudo parado, não se sabe.” “Gostaria, pois com certeza, se tiver a oportunidade de tirar o 12º ano quero tirar, penso que ainda vou cá estar mais uns anos e nunca é demais saber mais um bocadinho.”</p>

	<p>E3- “Não, não tenho muito tempo a minha vida é um bocado ocupada, ou tenho que estar aqui na Junta, ou tenho de estar na Associação Mutualista, ou tenho de estar no Grupo Desportivo, e o tempo é muito reduzido, quase todos os dias da semana tenho um dia ocupado, ou para uma coisa ou para outra, não, gostava de fazer mais qualquer coisa, mas não tenho tempo.”</p> <p>E4- “Ainda não.” “Sim, eu não altura disse que gostaria de ir para línguas, porque é uma das coisas que me faz falta e depois do CCP, vou ter que fazer outros cursos noutras áreas mais específicas, porque isto é a iniciação e depois é continuar.”</p>
Diferença ao nível da participação em atividades de ocupação de tempos livres, de associativismo, de cidadania, culturais ou políticas após a conclusão do processo de RVC	<p>E1- “Por enquanto ainda não....”</p> <p>E2- “Até ver não participei em nada,... “</p> <p>E3- “É igual.”</p> <p>E4- “Não mudou nada”</p>
Aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades novas, após a conclusão do processo RVC	<p>E1- “Não tinha dificuldade nessa área.” (linguagem e comunicação), “Faço igual, na parte da expedição aquilo que faço era o que já fazia.” (termos profissionais), O raciocínio numérico, melhorou,</p> <p>E2- “De matemática.”, “Eu sabia brincar com o computador, mas se eu fosse escrever uma carta, escrevia mal, eu escrevia mas escrevia mal, agora já sei compor uma carta muito melhor.”</p> <p>E3- “Aprende-se mais qualquer coisa que nós não tínhamos, na área da matemática.” “Não, de tudo, também a parte de mexer nos computadores, também era importante para mim, além de que eu já mexia, mas não tinha todos os conhecimentos que eu aprendi.” “Um pouco, um pouco, melhorei um bocadinho, porque também sou um bocado preguiçoso a escrever ou a ler.”</p> <p>E4 – “Não, porque, vamos lá ver uma coisa não me fazia falta ter o 9º ano, para fazer o que faço, por isso não alterou nada, a única coisa que me levou a fazer foi que um dia destas aparece aí uma empresa estrangeira e diz ah não tens o 9º ano, não tens a escolaridade obrigatória não podes fazer um filme, não sei se isso vai acontecer, mas eu já vejo tanta coisa, que eu comecei a pensar, não é melhor</p>

	<p>fazer, é uma oportunidade, perder não perco, só ganho com isso e se calhar tomo gosto e começo por aí fora, e confesso que gostaria de fazer o 12º ano, mas não sei.” “Ah, aprendi a fazer coisas na matemática que não sabia fazer.”,</p>
<p>Aprendizagens efetuadas ao longo do processo de RVC</p>	<p>E1- “Aprendi, o que eu noto mais foi na matemática.”</p> <p>E2-: “Informática, essa questão da Cidadania, que foi das coisas que eu gostei mais também.”</p> <p>E3- “Aprendi, aprendi, foi como lhe tinha dito, aprendi a nível de mexer na parte da informática, foi bom, porque essa da informática estava mais ligada à minha esposa, na parte do escritório, e havia certos processos que eu não sabia entrar no computador, aprendi.”</p> <p>E4 – “O que é que eu aprendi. Aprendi a ser mais, não lhe sei explicar, eu aprendi, ou pelo menos a estar, aprender em grupo, a estar em grupo.”</p>
<p>Utilidade das aprendizagens efetuadas e áreas de aplicação das mesmas</p>	<p>E1- “No meu dia-a-dia, sim.”, “Até para fazer uma receita, um bolo, seja aquilo que for a regra dos três simples, é do mais fácil que há, e eu não sabia desconhecia. Foi essencial, e também não foi só isso, mais coisas, mesmo com as miúdas na escola, elas mostraram-me e eu digo dei isto no rvcc e relembro e consegui-lhes explicar.”</p> <p>E2- “Acho, então não acho e então devíamos ter mais...”, “Todos os dias perco tempo agarrado ao computador, às vezes até é demais.”</p> <p>E3- “São, são muitos úteis no meu dia-a-dia, porque foi como eu lhe tinha dito, eu estava dependente da minha esposa para fazer qualquer coisa, e assim não preciso.”</p> <p>E4 – “Acho que sim, a minha filha faz-me algumas perguntas e eu já lhe sei responder, ela anda no 12º ano, se calhar por aí, claro que não tenho a facilidade de aprendizagem que ela tem, mas se eu pensar um bocadinho, sou capaz de responder e antes não era. Se calhar também tinha.”</p>

Considerações sobre o processo RVC	Positivas	<p>E1- “É assim, eu acho que foi tudo importante.”</p> <p>E2- “Acho que sim, tudo foi importante no conjunto.” “A informática para mim, foi das coisas mais importantes, mas o resto também foi.”</p> <p>E3- “O mais importante foi concluir o processo, concluir o 9º ano, foi muito importante para mim. Depois a formação que me deram foi muito útil para mim, aprendi mais qualquer coisa, que eu não sabia, a nível da informática, da matemática, da cidadania.”</p> <p>E4- “Olhe em termos positivos para mim, eu fiz numa altura em que estava cheia de trabalho,...” “Foi ao mesmo tempo um esforço, mas foi um esforço bom, porque eu ficar com o papel na mão,...”</p>
	Negativas	<p>E1- “Nada, não tenho nada a apontar.”</p> <p>E2- “Acho que não houve nada de negativo.”</p> <p>E3- “O negativo que foi, foi a ocupação que eu tive de retirar do meu tempo que já é ocupado.... a parte mais negativa, foi o tempo, mais nada.”</p> <p>E4 – “Negativo, acho que não tenho nada de negativo, eu não sou uma pessoa nada negativa, eu gosto das coisas, não houve nada negativo.”</p>
Mudanças que advieram da frequência do Processo de RVC		<p>E1- “É assim, como disse isto ainda foi muito recente, fiquei com o 9º ano, acho que para mim é muito bom.”, “Pessoais e profissionais, ou dois.” “Agora ainda não usufruí muito do 9º ano, como eu disse é recente, mas eu não queria parar no 9º ano, queria seguir” “O meu objetivo é tirar o 12º ano e uma formação ligada com crianças.”</p> <p>E2- “No meu caso, o melhor que eu aproveitei, foi o papel, porque se eu quiser trabalhar em qualquer lado aquilo serve-me para me valorizar.”</p> <p>E3- “Não foram muitas, não, as mudanças não foram muitas, foi só o meu currículo que melhorou mais,...” “Faço um balanço muito positivo.”</p> <p>E4 – “Dantes era uma pessoa com a 4ª classe e agora sou uma pessoa com o 9º ano.”, “Em termos pessoais, sinto-me bem aos 51 anos ter conseguido fazer.”</p>

